



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

CAROLINA FERNANDES FERREIRA

REDESCOBRINDO SER-SI-MESMO: A EXISTENCIALIDADE DE MULHERES
PRATICANTES DE *POLE DANCE*

Manaus

2015

CAROLINA FERNANDES FERREIRA

**REDESCOBRINDO SER-SI-MESMO: A EXISTENCIALIDADE DE MULHERES
PRATICANTES DE *POLE DANCE***

Dissertação de Mestrado em Psicologia para a
obtenção de título de Mestre em Psicologia,
Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado
em Psicologia.

Orientador: Professor Doutor Ewerton Helder Bentes de Castro

Manaus

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ferreira, Carolina Fernandes.

Redescobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes de *pole dance*; Manaus, 2015.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Área de Concentração: Psicologia.

Orientador: Professor Doutor Ewerthon Helder Bentes de Castro.

Palavras Chaves: 1) *Pole Dance*. 2) Autoestima. 3) Corporeidade. 4) Fenomenologia.

CAROLINA FERNANDES FERREIRA

**REDESCOBRINDO SER-SI-MESMO: A EXISTENCIALIDADE DE MULHERES
PRATICANTES DE *POLE DANCE***

Dissertação de Mestrado em Psicologia para a obtenção de título de Mestre em Psicologia,
Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado
em Psicologia.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Ewerton Helder Bentes de Castro – UFAM

Professora Doutora Artemis de Araújo Soares – UFAM

Professor Doutor Tommy Akira Goto – UFU

Conceito: _____

Manaus, 24 de novembro de 2015.

Dedico esta dissertação à minha família, Juliano e Paula.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a todas as mulheres que colaboraram com esta pesquisa, proporcionando o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ewerton Helder, por acreditar e me apoiar ao longo da caminhada dentro da Psicologia.

Aos meus grandes incentivadores: meus pais, João e Ione, e meus irmãos, Isabel e Luiz.

Aos mestres e colegas com quem dividi momentos nessa jornada de conhecimento.

À minha amiga Bárbara, por sua companhia dentro e fora dos muros acadêmicos.

Às minhas amigas e companheiras de *pole dance*, que fizeram parte da construção dos significados do esporte para mim.

E a Deus, que confiou em mim esse conhecimento, para que eu pudesse fazer a diferença na vida de outras pessoas, mas, principalmente, em minha própria.

A vida não é colorida, é colorível.

Marilina Baccarat de Almeida Leão

RESUMO

A atividade física é um preparador para a vida cotidiana, promovendo a capacidade de julgamento e percepção da situação, possibilitando reação frente a alterações do ambiente, tendo as relações sociais como mediadores de desempenho. A *Pole Dance* é uma modalidade esportiva que está ganhando espaço na mídia. Por conseguinte, a presente pesquisa, intitulada “Re-descobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade das mulheres praticantes de *pole dance*”, teve como objetivo compreender como mulheres praticantes de *pole dance* significam a sua existência a partir da prática da atividade esportiva. É uma pesquisa de natureza qualitativa, que se desenvolveu de acordo com os preceitos do método fenomenológico e a análise a partir dos pressupostos da Fenomenologia de Merleau-Ponty. Foram consideradas como participantes doze mulheres praticantes de *pole dance* de um estúdio na cidade de Manaus e a obtenção dos dados foi realizada a partir de uma questão norteadora. Através dos discursos foram criadas as categorias de análise: Começando a “polear”, Obstáculos *versus* Superação, Pré-Conceitos, Re-descobrimo ser-si-mesmo e “O que significa *pole dance* para você?”. Nelas foram apreendidas as mais diversas experiências sobre uma mesma prática, em que se verificou o ser-no-mundo de cada uma dessas mulheres e como elas se veem e percebem o seu corpo na interação com-si-mesmas e com-o-mundo. Compreendeu-se que por trás de um simples movimento, há inúmeros seres-no-mundo e que a individualidade é o fato mais certo que existe.

Palavras-Chaves: *Pole Dance*; Autoestima; Corporeidade; Fenomenologia.

ABSTRACT

Physical activity is a trainer for everyday life, promoting sound judgment and situational awareness, enabling reaction in face of environmental changes, and having social relations as a performance mediators. The Pole Dance is a sport that is gaining ground in the media. Therefore, the present study, titled "Re-discovering being-one-self: the existentialism of women pole dance practitioners", is aimed at understanding how pole dance women practitioners mean their existence from the practice of sports. It is a qualitative research, which was developed according to the precepts of the phenomenological method and analysis from the assumptions of the Phenomenology of Merleau-Ponty. Twelve women pole dance practitioners from a studio in the city of Manaus were considered as participants and the data collection was carried out from a guiding question. Through those speeches the following categories of analysis were created: Starting "to pole", Obstacles versus Overcoming , Pre-Concepts, Re-discovering be one-self and "What does pole dance mean for you?". In such analysis, the most diverse experiences were seized on a common practice, in which of them the being-in- the-world of each of these women was verified and how they see themselves and perceive their bodies in interaction with themselves and with the world. It was understood that behind a simple movement, there are countless beings- in- the-world and that the most certain existing fact is individuality.

Key Words: Pole Dance; Self esteem; Corporeality; Phenomenology.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| | PRÉ-REFLEXIVO | 11 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 2.1 | CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>POLE DANCE</i> | 16 |
| 2.1.1 | A Psicologia do Esporte | 16 |
| 2.1.2 | O Exercício Físico | 16 |
| 2.1.3 | A Dança | 18 |
| 2.1.4 | A Feminilidade | 19 |
| 2.1.5 | A <i>Pole Dance</i> | 20 |
| 2.2 | A FENOMENOLOGIA | 21 |
| 2.2.1 | Parâmetros Iniciais | 21 |
| 2.2.2 | A Fenomenologia de Merleau-Ponty | 22 |
| 3 | TRAJETÓRIA METOLÓGICA | 30 |
| 4 | RESULTADOS | 35 |
| 5 | SÍNTESE COMPREENSIVA | 55 |
| 6 | ANÁLISE COMPREENSIVA A PARTIR DA TEORIA DE MERLEAU-PONTY | 58 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 68 |
| | REFERÊNCIAS | 69 |
| | ANEXOS | 74 |

O que você tem diferente é o que tem de mais bonito.

Autor Desconhecido

PRÉ-REFLEXIVO

“Qual a minha relação com o meu corpo? Há distinção entre meu psíquico e meu espiritual do meu físico?” Acredito, ou melhor, sinto que o corpo é o meu instrumento de relação com o mundo e com as pessoas. Meus sentimentos e meus pensamentos refletem-se pelo meu corpo. Meu humor estampa-se em minha face. Não há distinção entre meu corpo e minha alma. Sou uma só em minha totalidade. Mas, como as outras pessoas se relacionam com esse mundo através dessa totalidade? Como elas se percebem diante do mundo e de suas inúmeras possibilidades?

O presente estudo surgiu pela escuta de algumas experiências de mulheres que praticam ou praticaram *pole dance*, na sua emoção ao mostrar uma foto de uma figura nova em que há tempos tentavam realizar, nas amizades construídas dentro do estúdio. Mas a superação se deu somente dentro do estúdio de *pole dance* ou o fato de superação própria e contínua interfere em outros âmbitos da vida cotidiana? Houve frustrações com a não realização de um movimento? Isto interferiu em algum evento não relacionado com a *pole dance*?

A *pole dance* é um dos esportes que vem crescendo na mídia nacional e internacional. A responsável pelo esporte no Brasil é a Federação Brasileira de *Pole Dance* (FBPOLE), fundada em 2009, que legitima a prática de *pole dance* no território brasileiro. Com foco no crescimento da atividade como modalidade física transformadora, a FBPOLE conta com uma equipe administrativa para a solidificação de suas bases. Como exemplo, tem-se a criação do livro de regras, do código de arbitragem e da formação dos árbitros para as competições nacionais e internacionais. A *pole dance* parte para o pressuposto de firmar-se como uma modalidade desportiva. (FBPOLE, 2013)

A FBPOLE ainda coloca sua atenção aos desafios no âmbito esportivo, e utiliza da *pole*, ou seja, da barra vertical, como instrumento de sociabilização originando perspectivas e formação de novos cidadãos. Apesar do processo de solidificação do esporte, ainda é muito vago a produção de materiais de literaturas e pesquisas a respeito no Brasil, dificultando a construção da história da *pole dance* no mundo e no Brasil e das pesquisas em áreas de conhecimento.

Colocando de lado os benefícios e possíveis prejuízos de uma atividade física, tive outros questionamentos em como se dá a escolha da *pole dance* como esporte, pois, inúmeras vezes, a vi na televisão, retratada em novelas, filmes, notícias, dentro de um cenário de boates e casas de *strip-tease*. Somente, no ano de 2012, vi reportagens em programas esportivos,

sobre a Copa Mundial de *Pole Dance*, com suas regras, arbitragens e classificações, e claro, a campeã. Com isso, a minha própria dificuldade em lidar com os preconceitos sobre a *pole dance*, criei uma pergunta às entrevistadas sobre a presença de pré-conceitos pejorativos e a não-compreensão por parte de familiares e amigos. Como enfrentar essa batalha em prol do esporte?

O que a sociedade ganharia ao ver a *pole dance* como um esporte, além de um instrumento de sensualidade e sexualidade? Afinal, é preciso verificar que através de uma dança, ou seja, muito além dela, independente de qual seja, há uma pessoa que a executa e que ela é própria dança. Nessa pessoa, há muito mais que movimentos físicos precisos. Há metas, medos, sonhos, amores e dissabores que a tornaram tal ser-no-mundo, único. Pensemos que atrás de um carro que anda pelas avenidas, há inúmeras pessoas que o projetaram, montaram, transportaram, venderam e dirigiram, há inúmeras histórias por trás de um simples fato. Mas, a sociedade está pronta ou tem interesse em ver essas histórias? Como ver além da capa de um livro?

Comparando os benefícios e as dificuldades, assim como qualquer outra situação da vida, essa pesquisa quis, mais do que justificar e firmar a *pole dance* como esporte, mostra-la como uma atividade de relação tão íntima com o corpo, da descoberta de flexibilidade e limitações, e sua interferência na vida de mulheres que aderem a essa prática, dentro do estúdio de aula, na sua vida profissional, pessoal e/ou social.

Perante a ínfima quantidade de pesquisas sobre o assunto, dado averiguado após a escolha do tema para a pesquisa, firmei como objetivo compreender o sentido e o significado de corporeidade a partir da prática da *pole dance*, considerando os pressupostos da Teoria de Merleau-Ponty. E a busca por compreender as mudanças ocasionadas pela *pole dance* surgiu também da minha prática do esporte. No início, foi simplesmente uma procura por um esporte mais dinâmico do que os programas tradicionais de academias de musculação, Pilates e aulas de tênis. Posteriormente, tive o interesse pelo treino da sensualidade que a atividade trazia com seus movimentos e sua dança. Contudo, a possibilidade de enfrentar meus medos e buscar cada vez mais realizar movimentos difíceis, que exigiam do meu corpo e do meu raciocínio lógico, que a paixão pelo esporte ganhou seu espaço, tornando-se um marco decisivo na minha vida.

Por muitas vezes, fico a refletir sobre a Carolina anterior e Carolina de agora, após um pouco mais de três anos de prática da *pole dance*. Verifico que assim como inúmeras situações em minha vida, há uma firme acentuação de maturidade. Mas, além disso, há uma confirmação do meu lado que gosta do cuidar. Porém, dessa vez, meu cuidar dirige-se

somente a mim mesma. Foi num esporte, que utiliza somente uma barra de ferro na vertical, que pude encontrar um tempo em minha rotina atribulada para ser simplesmente eu. Eu, que tenho medo de altura e tenho medo de frustrar-me ao tentar uma coisa nova, mas eu que busco desafios que façam a vida valer a pena e que façam meus medos serem menores que meus sonhos. É essa descoberta que eu levo para outros âmbitos da minha vida a lição de que sonhos e medos caminham juntos, num mútuo equilíbrio, mas em que por alguns instantes os sonhos abrem suas asas e me levam a desfrutar novas possibilidades.

Além das perguntas já citadas acima, as mais importantes feitas para outras mulheres que praticam ou já praticaram, é saber o que a *pole dance* fez por elas, assim como narrei o que ela me proporcionou, apreender as mais diversas experiências sobre uma mesma prática, para verificar o ser-no-mundo de cada uma dessas mulheres e como elas veem e percebem o seu corpo na interação consigo mesmas e com o mundo. Compreender que por trás de um simples movimento, há inúmeros seres-no-mundo e que a individualidade é o fato mais certo que existe.

Ao praticar a *pole dance*, o sujeito conota ao mesmo sentidos e significados no seu contato com ele. Através de sua corporeidade, o indivíduo desenha as nuances que o esporte lhe ocasiona e as modificações contínuas em seu ser. Nesse novo desenho, os sentidos, as metas, as limitações na prática do esporte vão sendo re-significados. Esse é o contexto de “corpo-próprio” trazido por Merleau-Ponty.

Na concepção de Merleau-Ponty, o homem está além da consciência perceptiva. Sua constituição está em seu próprio corpo e não somente na utilização deste como instrumento de relação com o meio, não é somente subjetivo e nem somente físico. É o corpo físico e a consciência, concebendo o conceito de “corpo-próprio”, ambos sendo um. Pois, o corpo e a consciência, numa ação indissociável, intencionam a ação, e dessa possibilidade há a percepção e a interpretação infinita do mundo. (MARQUES et al, 2013)

Os autores colocam a relação com o objeto, pois o “*objeto é sempre objeto-para-um-sujeito*” (p.245), ou seja, o objeto existe devido à relação com a consciência, concluindo que o processo científico nunca fica isento da subjetividade. O sujeito está submerso e moldado ao mundo, percebendo os elementos externos ao corpo com base de suas próprias construções históricas. Com isso, é possível sua descrição sobre o fenômeno, construindo o conhecimento, através da corporeidade. Portanto, para compreender a *pole dance* é preciso compreender como cada indivíduo a percebe e se relaciona com ela, quais são os sentidos originados deste objeto-para-este-sujeito.

Sentido. De que sentido eu estou falando? Para explicitar a minha busca na compreensão da temática, cumpre ressaltar que enveredo pelo referencial teórico da Fenomenologia, ou seja, embaso-me na perspectiva Merleau-pontyana (1945/2011) que aponta para o sentido da percepção como organizado pela postura ou intencionalidade do corpo no mundo, polarizado por suas tarefas. Apreendo o que o outro comunica a partir do entrelaçamento das intencionalidades corporais, expresso pela linguagem, morada do Ser, segundo Heidegger (1927/2002).

É importante frisar, com Merleau-Ponty (1927/2011), que essa é uma operação do corpo e não do entendimento, no sentido cartesiano ou kantiano do termo. Eu me junto ao sentido da expressão corporal do outro numa passagem em que sou convocado ou atraído a seu campo de significação. Dessa forma, todo o comportamento é portador de sentido, o que significa abandonar a ideia do corpo como um objeto do mundo, ou o simples veículo de expressão de um pensamento puro, solipsista e interior.

Se ser-no-mundo, enquanto existência, é abertura para algo, para o mundo e as situações que surgem no cotidiano, o sentido é diretamente ligado à compreensão que o ser-no-mundo, neste caso as participantes desta pesquisa, têm da atividade da *pole dance*, uma vez que, essa inserção na atividade física é, como será apresentado no decorrer deste estudo, fruto de uma escolha originada nas mais diversas situações de suas vidas e, a partir daí, atribuem significados expressos através da fala, da corporeidade. Afinal, conversar *sobre algo*, significa que falamos *com o nosso corpo*.

Compreendo que as situações humanas são avaliadas não a partir de um sujeito pensante, mas em função de um sujeito corporal, ou melhor, inter-corporal, intersubjetivo. O sentido não está agregado às palavras, “*só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras*” (MERLEAU-PONTY, 1960/1991, p. 42). Assim, este autor agrega ao sentido não apenas propriedades intelectuais, mas também a emocionalidade, uma vez que o sentido é o mundo segundo o homem.

Para melhor entendimento sobre o estudo, este trabalho está apresentado da seguinte forma: referencial teórico; sobre esporte, feminilidade e Fenomenologia; trajetória metodológica; resultados; síntese compreensiva; análise compreensiva e considerações finais.

*Aprender a se colocar em primeiro lugar não é egoísmo,
nem orgulho. É amor próprio.*

Charles Chaplin

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE *POLE DANCE*

2.1.1 A Psicologia do Esporte

A Psicologia do Esporte surgiu no início do século XX, na Rússia e nos Estados Unidos, e, no Brasil, após a Copa do Mundo de Futebol de 1958. Seu objetivo é potencializar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta, através de técnicas e teorias apropriadas. O esporte de alto rendimento é composto pelo *stress* competitivo, controle de concentração, habilidade de comunicação e trabalho em equipe. Contudo, a Psicologia do Esporte também foca em indivíduos que praticam esportes somente com o intuito de bem-estar e saúde. (RUBIO, 2007)

Vieira et al (2010) trazem alguns estudos em Psicologia do Esporte em que a atividade esportiva é um preparador para a vida cotidiana, pois promove a capacidade de julgamento e percepção da situação, possibilitando reações frente a alterações do ambiente. Rebutini e Machado (2012) acrescentam outro item que aprimora a eficiência no esporte e está correlacionado com o suporte social e o encorajamento das pessoas de maior vínculo afetivo. O abalo dessas relações diminuem o nível de desempenho e a possível desistência do esporte. As dimensões emocionais e espirituais precisam também ser consideradas, pois interferem no rendimento do atleta.

2.1.2 O Exercício Físico

O homem, ao longo da evolução da espécie, adapta-se ao meio através de atividade físicas, que proporcionam a manutenção e defesa de sua existência e espécie. Ou seja, ao longo do desenvolvimento econômico, profissional, social, o corpo foi adaptando-se ao que dele era solicitado. A compreensão e a percepção do corpo proporcionaram ao homem melhor utiliza-lo a fim de satisfazer as necessidades cotidianas. (NANNI, 2005)

A ausência de atividade física ao decorrer da vida é a propulsora para o desenvolvimento de inúmeras doenças, ou seja, a falta de saúde e a ocorrência de mortes desnecessárias. O sedentarismo originou-se no desenvolvimento de tecnologias para a diminuição de trabalhos braçais e no surgimento de atividades de lazer estáticas, como assistir televisão, por exemplo. O Comitê conjunto, de 07 a 10 de abril de 1994, da Organização

Mundial da Saúde (OMS) e da Federação Internacional de Medicina do Esporte (FIMS) assinalou a efetiva importância de atividade física na melhora do metabolismo humano, acarretando inúmeros ganhos a saúde, como aparência saudável e menores níveis de depressão e ansiedade.

Nanni (2005) relata que o movimento corporal, além das necessidades vitais, atende também a outras necessidades, tais como:

“[...] às necessidades sociais, às referências individuais (percepção dos estados de tensão/relaxamento), da autoimagem (pela consciência corporal) do autoconceito (na busca de sua identidade do ‘Eu’ existencial) e destas em relação à sociedade e aos diferentes tipos de comportamento e estilo de vida.” (p.47)

Contextualizando para as mulheres, Oliveira et al (2008) traz que a participação das mesmas em jogos olímpicos se deu nos primórdios da Grécia antiga, em que elas não eram aceitas dentro das arenas até a inclusão do golfe e do tênis como modalidades femininas por não necessitarem de contato físico e serem esteticamente atraentes. A Federação Internacional de Natação Amadora foi a primeira a apoiar a inserção de mulheres em representações internacionais, já no século XIX. O Brasil toma parte nos jogos, já nos anos 20 do século XX, com filhas de imigrantes que tinham o estímulo ao esporte.

Santos (2010) relata a evolução da Educação Física como ciência positivista até a consideração da cultura como um fator importante a constitui-la enquanto ciência, pois não era somente o biológico do organismo que estava em exercício, mas uma cultura fundante dos objetivos que aquele corpo exerceria.

Os exercícios físicos, além de seus acréscimos na coordenação motora e flexibilidade, proporcionam ao indivíduo uma percepção mais positiva do corpo no quesito estético e da saúde. Silva e Oliveira (2008) descrevem que a escolha do exercício físico para as mulheres está relacionada a inúmeros fatores: prazer pela atividade, resultado para melhoria do corpo no quesito estético, elevação do humor e do bem-estar, e principalmente, da autoestima. A conceituação de autoestima está vinculada a opinião sobre si (autoconceito), acrescida ao sentimento que tem de si próprio (autovalorização) e a autoconfiança, pensamentos e comportamentos de segurança, nas relações com o meio e com os outros.

Os modos sociais produzidos pelo corpo são sentidos e significados adquiridos na relação do ser com o mundo, da construção de seus conceitos acerca dos valores e de seus interesses pessoais e sociais. Os movimentos executados ao longo de um exercício físico é a pura representação do corpo em sua sociedade. (SANTOS, 2010)

2.1.3 A Dança

Vista como uma modalidade de esporte / atividade física, a dança é uma propulsora da satisfação da autoestima, pois está intrinsecamente relacionada ao corpo, trabalhando as emoções e os sentimentos. O corpo é o agente e o sujeito da percepção, atuando como linguagem, meio de diálogo, promovendo a integração com o social e com o ambiente, manifestando o ser em sua totalidade, expressão da sexualidade, promovendo o respeito próprio e ao outro, além de transformações e reafirmações do ser. (NANNI, 2005; ABRÃO & PEDRÃO, 2005)

“[...] o homem vem representando seus sentimentos mais íntimos através da dança, por meio de expressões corporais ritmadas que mantêm estreito elo com a religiosidade/misticismo, a energia/sexualidade, a ludicidade/prazer”. (NANNI, 2005, p.46)

Abrão e Pedrão (2005) colocam que as estimulações sensoriais em geral são importantes para a percepção da música, do próprio corpo e do espaço, percepção de cada parte em separado e no conjunto, favorecendo “[...] a expressão e liberação do corpo e da mente, levando à busca da autovalorização e do sentido positivo da vida”. (p.244)

A dança é um meio para o autoconhecimento e a autoconsciência, a percepção do próprio corpo permite a inter-relação com o mundo e com os outros, melhorando a saúde física e mental. Abrão e Pedrão (2005), em seu estudo sobre a dança do ventre, citam que a dança estimula a criatividade, a feminilidade, diminui a timidez e a ansiedade, aumenta a autoestima, a flexibilidade e a formação de vínculos afetivos.

Goellner (2000, p.67) descreve que a dança é um componente que proporciona diversos movimentos no indivíduo, a relação com o próprio corpo, com as sensações corporais, a explosão de emoções, relaxamentos dos músculos, o despertar e o sublimar de instintos e apetite sexual. Acrescenta-se que a dança rege todos os componentes desejados pela sociedade à figura feminina: beleza, sensibilidade, pureza da alma feminina, leveza de gestos e movimentos.

Adelman (2003) traz que o esporte é um campo para o reconhecer ser-si-mesmo, pois

“[...] o esporte pode tornar-se um terreno de resistência, quer dizer, de ressignificações do feminino que colocam as mulheres na posição de sujeito- onde elas mesmas definem outras formas de ‘ser-mulher’”. (p.462)

2.1.4 A Feminilidade

A construção de gênero está ligada à construção social e histórica, em que as características sexuais são aceitas ou não na forma de ser-no-mundo. Então, para se falar em gênero, é preciso considerar o tempo histórico atual e passado que constitui a sociedade estudada, características volúveis e moldadas com as transformações do tempo. Ou seja, “[...] ser homem ou mulher faz parte de um processo cultural e de socialização.” (SANTOS, 2010)

Louro (1997, p.20-21) *apud* Santos (2010) coloca que gênero

[...] não são propriamente características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino, em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

As noções de feminilidade correlacionavam-se com classe social e raça, vinculados às características de docilidade e fragilidade física, destinadas aos afazeres domésticos, até o início do século XX nas sociedades ocidentais, e no Brasil nos anos 30. As atividades físicas realizadas estavam nos cuidados do lar e da prole, ou seja, do casamento e da procriação. O início do século XX foi marcado pela iniciação de exercícios esportivos voltados à natureza feminina, ou seja, ao “corpo frágil” das mulheres, mas as atividades eram realizadas somente por jovens e solteiras, preparando-as para o futuro de mães e esposas. (ADELMAN, 2003; GOELNNER, 2000)

A mulher começa a ganhar espaço em outros ambientes, exercendo atividades extras às do lar. Junto com isso, surgem novas definições no padrão estético para o corpo feminino, que ele fosse magro e definido, refletido no ideal de beleza publicado pela mídia, mas sem músculos exorbitantes, tornando os indivíduos dependentes de um estereótipo de aceitação social. Advém acrescentar que esse padrão de beleza é estabelecido por algumas sociedades, sendo que em outras, o padrão de beleza assume outros aspectos. (ADELMAN, 2003; SANTOS et al, 2013)

Goellner (2000), em sua contextualização da feminilidade nas décadas de 30 e 40, coloca que a feminilidade da mulher está vinculada com a aparência e utilização do seu corpo, tendo as atividades destoantes desses pontos, as representações de lesbianismo, solteirice e histeria. Esses pontos divergentes são determinados pelo outro, pela cultura vigente, como inadequados.

Adelman (2003), em seu levantamento sobre as mudanças na percepção da feminilidade, coloca que esta se correlaciona com a aceitação perante a cultura. Atualmente, essa aceitação está, para a maioria, voltada somente no âmbito do porte físico, desbancando o cognitivo e o social. Há um maçante consumismo de produtos e comportamentos a fim de estar nesse nível cobrado pela cultura dominante.

A valorização do corpo vem de meados do século XX, instituindo a Educação Física como responsável pela conscientização do conceito de corpo saudável e belo. As mulheres passariam a aderir práticas esportivas para provarem da emancipação feminina, contudo, as vestimentas e os tipos de atividades eram pré-determinadas, permanecendo assim um controle maquiado pela “liberdade” de cuidar do corpo. A dança e a ginástica tendem a serem as atividades mais vinculadas às mulheres, também por trabalharem os músculos inferiores, considerada a região mais sexual e mais feminina. (GOELNNER, 2000)

Este ainda coloca a diversidade de tentações que o esporte proporciona, é a relação consigo mesmo e com o outro, é o desfazer dessa relação e a construção de outra, já que

“[...] os esportes, além de representarem uma acessível opção de divertimento, cumprem uma função de destruição da rotina, tanto porque provocam uma excitação agradável, como porque afirmam-se como um dos principais meios de identificação coletiva”. (p.63)

Entretanto, a identificação coletiva tende a tomar outros rumos quando o papel feminino desenhado pela sociedade passar a ser pintado fora dos contornos. Ao adentrar dentro de momentos competitivos que tendem a atingir à fragilidade do corpo feminino, assim, como vestimentas e movimentos que tendem a exacerbar a sexualidade, infringem o “acordo” da liberdade proposta. (IDEM, 2000) Mas é possível retomar a esse cárcere em que a mulher deve fazer tudo somente para o bem-maior (a prole e o casamento) ou ela deve seguir na contínua busca por atividades que possam lhe assegurar a identificação com seus propósitos de vida? Como a *pole dance* é visto por essa sociedade, já que há a utilização de peças pequenas na vestimenta?

2.1.5 A Pole Dance

Whitehead e Kurz (2009) colocam que a *pole dance*, de uma configuração como dança exclusiva de casas de *strip-tease*, é vista com uma atividade aeróbica. Essa nova percepção contextualiza um novo fenômeno social já que esse se tornou uma atividade recreativa. Com

essa mudança, novos conceitos ganharam discussões acerca de seus significados, principalmente, noções sobre a sexualidade feminina.

Ressalta-se a ínfima quantidade de pesquisas sobre o assunto e sua contextualização ao longo da história. E a dificuldade de acesso aos artigos produzidos internacionalmente sobre o assunto.

2.2 A FENOMENOLOGIA

2.2.1 Parâmetros Iniciais

O dualismo admite a separação do homem em corpo e alma, matéria e espírito. Para Platão, a alma antecede o corpo e pertenceu ao mundo das ideias antes de aprisionar-se nesse. O intelecto era priorizado diante de trabalhos braçais, os desejos do corpo eram renegados devido à moral e aos bons costumes, pois prejudicavam a relação da criatura com o seu Criador. Posteriormente, Descartes trará o dualismo psicofísico instituído por Platão, corpo e alma, que será questionado na visão naturalista de considerar o homem como uma máquina. (PEIXOTO, 2011; SILVA, 2009)

Reis (2011) também ressalta as dicotomias existentes dentro do conhecimento, como a divisão entre corpo (*res-extensa*) e alma (*res-cogitans*), corpo e mente, corpo e consciência. A ciência visa o corpo como objeto e a Psicologia, a subjetividade. As duas perdem o foco da corporeidade do homem e da impossível separação entre corpo e alma/mente. Merleau-Ponty, em suas obras, vem rebater tais conceitos e ideias que separam o homem em fragmentos para considera-lo como um todo: a relação indissolúvel entre corpo e mente, como agente e reagente na sua constante relação com o mundo e com o Outro. Integrando-se à terceira base da Psicologia: a fenomenologia.

Dartigues (2005) traz o conceito de fenomenologia no primeiro parágrafo de “O que é a Fenomenologia?”: “[...] a fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno”. (p.09).

Embasado nos estudos de Brentano, Husserl absorve o termo “intencionalidade”, que estará correlacionado com o idealismo transcendental de Kant, em que a consciência constitui o mundo. Husserl propôs uma nova visão de homem, dando margem às ciências humanas sem seus laboratórios de investigação, distanciando-se do olhar sobre o comportamento humano como objeto de estudo. Iniciador do movimento da fenomenologia, ele designa que o fenômeno penetra no pensamento e através do pensamento é possível expor o fenômeno. A

fenomenologia busca verificar a essência do fenômeno, a correlação entre a consciência e o objeto. (CREMASCO, 2009; DARTIGUES, 2005)

A fenomenologia para Husserl consiste na ciência descritiva das essências da consciência e dos atos do ser. O sentido é que dá propulsão ao ser, ao mesmo tempo, que se oriunda dessa relação com o meio. O objeto sempre é um objeto-para-um-sujeito, em que o sentido do objeto é adicionado pela consciência. A compreensão do fenômeno, o sentido a ele adquirido pelo ser, precisa ser intencionado, verificado sua essência através da redução fenomenológica, em que o essencial permanece, ou seja, aquilo que não pode mais ser pensado de outra forma. (DARTIGUES, 2005)

2.2.2 A Fenomenologia de Merleau-Ponty

A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, filósofo e psicólogo francês, seguidor de Husserl, constitui-se fenomenologia da percepção, fenomenologia do corpo, destoando da primeira de Husserl, fenomenologia da consciência constitutiva. Reconhece o termo intencionalidade, porém seu contexto está mais voltado à carne e esta em relação com a carne universal. Sua tese de doutorado é a “Fenomenologia da Percepção”, de 1945, época das reformulações teóricas e práticas na Psicologia e nas ciências humanas, devido ao regime das guerras mundiais. Tal período foi marcado por questionamentos e pensamentos acerca da existência humana: buscava-se compreender a realidade, a significação dos fenômenos e o homem imerso na realidade da existência. (CREMASCO, 2009; MOREIRA, 2011)

O mundo da vida, eis a base de toda a teoria de Merleau-Ponty. Seu pensamento considera que é a experiência vivida do homem que origina e sustenta todas as explicações posteriores a ele. Esse homem – o eu – existe por si só, por esse motivo a Fenomenologia torna-se uma descoberta vivencial e originária. Em sendo a fonte de nossos pensamentos e de todas as nossas percepções, o mundo existe antes de nossas ações reflexivas. Para alcançar o sentido do mundo, não podemos deixar de lado a subjetividade plenificada de ser e tempo, não se pode ignorar a reflexão como um acontecer, haja vista sua manifestação é criação, em que o mundo é dado ao sujeito porque “o sujeito é dado a si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p.2) Sua concepção irá contrapor o dualismo tão voga à época.

Diferentemente de Husserl, Merleau-Ponty compreende que o real deve ser cada vez mais descrito e não constituído ou construído, já que é a própria gênese e necessita de nossos juízos tematizados para existir. É nesse mundo – meio natural – que têm origem meus pensamentos e minhas percepções, afinal, eu não o crio ou construo apenas o percepciono e o

descrevo. O homem está no mundo, atribuindo sentido, ou seja, é neste mundo que ele se conhece e surge como uma casa ou fonte para minhas percepções.

Dessa forma, a existência não se realiza auto reflexivamente, pelo contrário, necessita do mundo, do outro. É nesta díade que ocorre a sustentação da reciprocidade e da reflexividade entre as relações eus-eus e eus-coisas a nível intersubjetivo. Assim, para Merleau-Ponty, a Fenomenologia deverá retornar a este subjacente primordial enquanto fundamento ontológico e como solo ou fundo de Ser que contacta de modo ingênuo e imediato com a verdade vivida e toda a sua evidencia, anteriormente à verdade científica.

Neste momento, percebe-se a diferença existente entre a concepção cartesiana e a fenomenológica. A primeira, a partir do Cogito, se retira do mundo e faz de si mesma a unidade de consciência como fundamento do mundo, como ressalta Merleau-Ponty (1974/2003, p.5) “ela arrebatada-se e recoloca-se em uma subjetividade invulnerável, aquém do ser e do tempo”. Assim, pode-se inferir que, enquanto a reflexão cartesiana se põe como o começo de tudo o que pode ser pensado; a fenomenológica apresenta uma reflexão secundária ao irrefletido, ela é reflexão de tudo o que pode ser sentido. “O conhecimento inteiro e o pensamento inteiro vivem a partir de um fato inaugural cuja expressão é: senti”. (MERLEAU-PONTY, 1975/2011, P.438)

Silva (2012) em seu estudo sobre Merleau-Ponty e sobre a exploração do mesmo na relação entre a psicologia e a filosofia, traz os conceitos propostos de que o filósofo é responsável em reconstituir o mundo que o estudo do físico não abrange, dar sentido aos fenômenos de maneira qualitativa. Reflexão acerca do próprio trabalho, dos limites da prática é um requisito necessário ao cientista. Contudo, é necessário também o caminho inverso: que o filósofo possa observar e analisar fenômenos que corroborem com suas teorias e reflexões.

Reis (2011) cita a obra de Merleau-Ponty, a Fenomenologia da Percepção, de 1945, onde o corpo é modo próprio de ser-no-mundo, “[...] o corpo não é a morada do sujeito, não é algo de que posso me despir, me desvencilhar, mas sou meu corpo.” (p.38) A consciência desse mundo se dá através das percepções realizadas pelo indivíduo, através dessa corporeidade.

A experiência do corpo é considerada por Merleau-Ponty como corporeidade, em que a percepção do mundo se concretiza na relação concreta com o mesmo, no corpo que se movimenta, que sofre, que interage com o meio, atribuindo significados. A existência não é explicada pela objetividade, pelo mundo das ideias, mas sim pela compreensão e pela experiência de mundo, do mundo-vivido. “[...] a ciência também é uma forma de expressão do vivido”. (MACHADO, 2011, p. 51)

A consciência pré-reflexiva que tem por base a percepção, que nada mais é do que um encontro do homem com o mundo, concretizado no corpo-vivido, corpo-próprio, corporeidade. É a unificação da subjetividade e objetividade, a junção do “dentro” e do “fora”. O corpo não é instrumento, ele próprio é a experiência, é o encontro do homem com o mundo pelo movimento, tal como Reis (2011) coloca “por meio do movimento, o corpo nos situa no mundo, nos posiciona em relação às coisas, permite que as conheçamos por diferentes ângulos e revela que a visão se dá por perspectivas”. (p.40)

Estando o corpo em pleno movimento, mover-se é ir de encontro ao ser-com, sensível a presença do outro. “Como ser-no-mundo, o homem é um ser-em-movimento e o que possibilita mover-se, dirigir-se a alguma coisa, seja caminhando até ela ou simplesmente voltando-lhe o olhar, é o corpo” (REIS, 2011, p.40-41)

Assim, em Fenomenologia da Percepção (1945/2006) o argumento de Merleau-Ponty é o de que o método fenomenológico possui como característica a descrição e não a explicação ou análise. A proposta metodológica consiste em uma tentativa de atingir o sujeito consagrado ao mundo, não o sujeito empírico, “mas o sujeito co-partícipe do mundo, que atribui sentido a este mundo”. (VIEIRA DE MELO & CALDAS, 2003, p.187)

Merleau-Ponty rompe com o pensamento husserliano no que concerne à *epoché*, a redução fenomenológica. Husserl propôs que “o maior ensinamento da redução fenomenológica é a impossibilidade de uma redução completa” (GOTO, 2008, p.10). O filósofo francês, por sua vez, compreende que o mundo é descoberto pelo sujeito que constrói o conhecimento nele mesmo, “enquanto horizonte permanente de todas as suas cogitationes e como uma dimensão à qual ele não deixa de se situar” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p.10).

Rompe ainda com a filosofia husserliana e seu idealismo subjetivista ao referir-se a uma consciência perceptiva e a intercorporeidade. É a consciência aberta ao mundo, a consciência perceptiva e coloca o próprio corpo no núcleo do sujeito, pensando o sujeito como encarnado. A consciência está ligada ao corpo, em um diálogo permanente com o mundo, e a relação do homem com o mundo ocorre pela relação direta corpo-mundo, uma vez que é corpo vivido, corpo no mundo. Dessa forma, não se pode pensar este corpo através da dicotomia empirismo-subjetivismo, o corpo não é puramente material nem puramente consciência. Não é totalmente objetivo porque é parte de mim, nem totalmente consciência porque está no mundo.

Na Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty propõe um retorno àquele mundo considerado ilusório pela ciência, um retorno ao mundo vivido. A tarefa da filosofia é

interrogar o mundo tal como lhe aparece, questionar a experiência total do homem. Trata-se de recolocar o homem na ordem da existência, noção esta que foi esquecida com a prevalência do pensamento positivista. Segundo o teórico, precisamos reaprender a ver o mundo, originalmente. Assim, a experiência espacial, temporal e corporal antecede o pensamento objetivo, portanto, “é preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência” (2011, p.109).

Desdobra-se ainda a reflexão sobre a percepção para a questão do corpo. A percepção é a experiência original do corpo com o mundo ao seu redor. O corpo não é um espaço objetivado em contraposição a alma, mente ou inteligência. O corpo passa a ser considerado como corporeidade, ou seja, é o elo vivo com a natureza, fonte de conhecimentos e sentidos existenciais. Portanto, não se trata de um “eu penso” como uma etapa para o conhecimento, trata-se de um conhecimento que se funda senso corporalmente. (IDEM, 2011)

Baseado em Merleau-Ponty, se pode afirmar que o corpo sabe, o corpo compreende e os sentidos existenciais se manifestam corporalmente. Afirma ele “A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência” (2011, p.131).

Segundo Merleau-Ponty, o corpo que vive e está no mundo, é o “meu corpo”, e, portanto, não pode ser reduzido a um mero objeto. Dessa forma, o homem existe e percebe o mundo corporalmente e ressalta “meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por ‘representações’, sem subordinar-se a uma ‘função simbólica’ ou ‘objetivante” (p.295).

Compreende que existir significa ser um corpo, que o viver sempre se dá corporalmente e que é no corpo que se dá à relação homem-mundo. O corpo não é uma massa material, pois toda experiência humana é sempre corporal. Assim, não se pode separar corpo e consciência. Sua filosofia interroga a experiência vivida do homem encarnado, pois onde há corpo, há história vivida. O corpo sintetiza a história e a relação do indivíduo com o mundo e antecede todo e qualquer conhecimento intelectual. Daí a importância que o teórico concede ao irrefletido como fonte de conhecimento. O corpo não é mera representação de conteúdos da mente. O homem não tem um corpo, mas é um corpo que percebe e é percebido.

Em Merleau-Ponty (2011), o corpo não é uma reunião de órgãos justapostos no espaço. O corpo é não dividido, sabe-se da posição dos membros por um esquema corporal. A espacialidade do corpo não é como a dos objetos, uma “espacialidade de posição”, mas uma “espacialidade de situação”, ou seja, a fixação do corpo ativo em um objeto, a situação do corpo em face de suas tarefas.

Assim, não é um “corpo objetivo” que movemos, mas um “corpo fenomenal”. Merleau-Ponty (2011) recoloca o corpo em seu lugar original, como fonte e origem do conhecimento, afirmando que o corpo é o pivô do mundo, ou seja, o meio pelo qual temos um mundo. A vida é sustentada por um “arco intencional” que projeta em torno do indivíduo seu passado, seu futuro, seu meio humano, sua situação física, sua situação ideológica, sua situação moral e faz com que ele esteja situado sob todos esses aspectos. É esse arco intencional que faz, segundo o que está exposto na Fenomenologia da Percepção, a unidade entre sensibilidade e motricidade.

Dessa forma, segundo Merleau-Ponty (2011, p.212) o corpo é um “sistema de potências motoras ou de potências perceptivas [...] não é objeto para um ‘eu penso’: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio”. Não se apreende um hábito por meio da associação, mas pela apreensão da significação motora do mesmo. O indivíduo existe para si mesmo pela experiência de seu corpo e pelo corpo assume o espaço, os objetos e instrumentos, a relação homem-mundo É indissociável, pois concebe o sujeito como sujeito encarnado no mundo.

As coisas oferecem suas faces e o indivíduo as percebe de diversos pontos de vista espaciais e temporais, neste sentido percebe-se discursos de mães que vêm à deficiência do filho como provação divina enquanto há uma mãe que reconhece essa experiência como uma bênção, uma graça alcançada, para Merleau-Ponty (2006, p.17) "Deve-se compreender de todas as maneiras ao mesmo tempo, tudo tem um sentido, nós reencontramos sob todos os aspectos as mesmas estruturas de ser". Ou seja, as vivências são únicas e singulares e se dão por meio do corpo, este que estabelece com o mundo uma relação pré-objetiva, pré-conscientes, de caráter dialético de modo algum causal ou constituinte. Para Merleau-Ponty a relação do sujeito e do objeto é uma relação de ser segundo a qual, paradoxalmente, o sujeito é seu corpo, seu mundo e sua situação e de certa forma estabelece com estes uma troca, o que de acordo com Merleau-Ponty (2006, p.03) “Tudo o que sei a respeito do mundo, mesmo pela ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não significariam nada”.

Por meio das vivências busca-se através da fenomenologia voltar às coisas mesmas com o intuito de revelar a abertura ao mundo e aos outros, tendo em vista que “a verdade não habita o homem interior, ou antes, não há homem interior, o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.06).

De acordo com o que Merleau-Ponty afirma em sua teoria, não se trata de um corpo que se apropria de novos conhecimentos, mas de um corpo arrebatado que desloca sua

corporeidade em direção ao que ainda não sabe, porém intui como possibilidade. Antes do outro, o mundo é uma extensão do corpo do indivíduo, com o outro, o mundo é uma possibilidade de intermédio entre um indivíduo e o outro. Uma correlação na qual se modifica e se é modificado, de acordo com Merleau-Ponty (2004, p.48) “Só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros, e nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás, deve muito à nossa frequência do outro”.

O ser é potencialidade de um horizonte de experiências possíveis. Horizonte esse configurado pelo campo de experiências perceptivas de um corpo fenomenal. Essa é a tese fundamental de Merleau-Ponty.

A percepção que se tem de uma determinada situação ou vivência é uma experiência motivada e pré-pessoal, descrita pelo filósofo francês como comunhão ou coexistência. Não é o sujeito que cria o mundo ou o objeto que se inscreve no ser. Eu e mundo, sujeito e objeto, atualizam-se e articulam-se em um campo de experiências para além da perspectiva dicotômica. Daí o termo comunhão ou coexistência, ser e mundo estão mutuamente implicados em uma dinâmica de reconhecimento e reencontro, determinada não por um ou por outro, mas pelos dois em sua relação. Afirma ainda “[...] Nós temos em mãos nossa sorte, tornamo-nos responsáveis por nossa história por meio da reflexão, mas também por uma decisão em que engajamos nossa vida [...]”.

Segundo Merleau-Ponty (2011), o conhecimento do outro possibilita o conhecimento de si, eu e o outro, estão mutuamente envolvidos em uma relação de trocas. É neste momento que o seu pensamento avança na compreensão da relação eu-outro. Contudo, não em uma perspectiva a partir de uma intersubjetividade a partir da consciência intencional, mas a partir da experiência do corpo pela intercorporeidade: o eu e o outro são órgãos de uma mesma intercorporeidade (VIEIRA DE MELO & CALDAS, 2013).

O meu corpo transforma-se assim no lugar originário onde o mundo faz e se faz sentido, não porque não pode impedi-lo, mas porque a única forma de ser aquilo que ele é e sujeito de percepção, é abrindo-se a uma realidade que se sugere a ele. Neste sentido, o meu mundo, ou seja, o mundo que me é dado a perceber tem a marca indelével deste corpo de carne e osso que é também o meu. Não podemos por isso considerar que o corpo, enquanto sujeito de percepção, seja um mero depósito passivo do mundo percebido (PADELHA, 2007). Diz-nos Renaud Barbaras que a especificidade da percepção “não é nem apreender um sentido, nem receber passivamente um conteúdo, é abrir uma dimensão segundo a qual a coisa pode aparecer em pessoa” (1997, p.54). Quando se diz que “estar aberto” é uma predisposição natural ou estrutural do corpo, não significa apenas que o corpo é receptivo, mas, sobretudo

que ele se predispõe a ser algo para além daquilo que possui em próprio. O corpo próprio merleau-pontyano só poderia ser um hospedeiro meramente passivo se a ação do mundo sobre ele se tornasse totalitária. Neste caso, os papéis seriam invertidos: a espontaneidade seria colocada do lado do mundo e a passividade do lado do corpo, constituindo este um agregado aonde o mundo se vinha dizer, o que tende a acontecer com o advento da ontologia no pensamento do autor de *Le visible et l'invisible*.

Considerando o exposto, percebe-se que o corpo revela muitos fatores além de idade, gênero, raça. Estão lançados modos singulares de ação diante de fatores diversos, expressões de significação intrínsecas, o corpo sendo a própria significação. Segundo Oliveira et al (2010), o corpo representar a forma como o ser se encontra no mundo, é o propulsor das vivências, é o possibilitador da existência. Reis (2011) traz a obra de Merleau-Ponty, *O Olho e o Espírito*, a relação do corpo com a obra de arte. Só é possível compreender a arte no seu próprio corpo, na pintura, na dança, na poesia. Assim, se dá o processo com o homem, só é possível compreendê-lo na sua corporeidade, no seu gesto, no seu modo de agir e se expressar.

Cresmasco (2009) também cita a obra *Fenomenologia da Percepção* como proposta de Merleau-Ponty para descobrir os significados rumo à compreensão humana, o comportamento na forma de “um conjunto de reações significativas” (p.52). O objetivo de uma pesquisa ou de uma psicoterapia, utilizando-se dos pressupostos de Merleau-Ponty, será compreender os sentidos oriundos da comunicação do sujeito com o mundo.

O objetivo é compreender “a relação entre palavra e sentido na origem do fenômeno expressivo”, a compreensão da fala e do gesto corporal. Nem toda manifestação é biológica, mas construída dentro de sua cultura e de modo individual. Uma mesma emoção pode ser esboçada de formas diferentes, sob um signo diferente, diante de um mesmo motivador. (FURLAN & BOCCHI, 2003)

*O meu corpo é um jardim, a minha vontade
o seu jardineiro.*

William Shakespeare

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O conhecimento da realidade sempre foi uma preocupação do homem. Através dos mitos, as tribos primitivas sempre buscaram explicar os fenômenos que cercam a vida e a morte, a organização social dos indivíduos, os mecanismos de poder, o controle e a reprodução. Como valiosos recursos para explicação dos significados da existência, individual e coletiva, temos as religiões, as filosofias, as ciências. Diante das variações metodológicas que ocorreram no decorrer do tempo no que concerne à produção do conhecimento científico, duas abordagens se fizeram presentes: a quantitativa e a qualitativa.

A pesquisa desenvolvida foi de cunho qualitativo, pois compreendo que o fenômeno não é passível de quantificação já que apresenta dimensões pessoais. Como uma de suas maiores características, os dados foram coletados através da comunicação entre a participante da pesquisa e a pesquisadora, seguido da compreensão dos sentidos e significados presentes no discurso sobre determinado fenômeno, a sua essência. (MARTINS & BICUDO, 2005)

Para compreender o sentido e o significado de corporeidade a partir da prática de *pole dance*, objetivo desta pesquisa, utilizei dos pressupostos da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. Furlan e Bocchi (2003) colocam que Merleau-Ponty supera as concepções do empirismo e do intelectualismo atribuindo sentido à palavra. A linguagem é fonte de sentido do próprio pensamento e não reprodução do mesmo. A linguagem projeta o ser para fora de si. Busca-se “no corpo a origem do sentido da linguagem”, meu próprio comportamento como manifestação do meu pensamento. É possível complementar com o que traz Melo e Caldas (2013) que

[...] a linguagem tem uma importância considerável, pois que é por meio dela que os grupos e sujeitos, assim como pesquisadores, expõem seus pontos de vista, suas opiniões, suas representações e, até mesmo, o sentido de suas experiências. (p.185)

Considerando-se a Psicologia Fenomenológica-Existencial para compreender os significados dado à prática da *pole dance* pelas mulheres, busquei informações junto à pessoa, já que a vivência não encerra um sentido em si mesmo, mas adquire um significado, para quem a experiencia, relacionado à sua própria maneira de existir. Por esse motivo optei pelo método fenomenológico que possibilitou investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão das mesmas (VALLE, 1997).

Convém assinalar que a Fenomenologia é um “método de acesso à realidade concreta do mundo” (HOLANDA, 2001, p.35), e dessa forma, a pesquisa fenomenológica é

basicamente uma pesquisa de natureza e que pretende dar conta do que acontece pelo clareamento do fenômeno. (AMATUZZI, 2001).

A pesquisa contou com doze participantes. Os critérios de inclusão adotados foram: as participantes serem do sexo feminino, residentes na cidade de Manaus/AM, praticantes de *pole dance* com três meses no mínimo de treino, isento do nível de desempenho em que se encontravam dentro da modalidade esportiva. Ressalta-se que essas mulheres foram contatadas diretamente por mim, ocasião em que pude apresentar o projeto para a dona do estúdio de *pole dance* e suas alunas, convidando-as de forma voluntária a participar da pesquisa.

Após a apresentação do objetivo da pesquisa às participantes e da importância de sua participação, as entrevistas individuais foram realizadas no período de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015. As entrevistas se desenrolaram a partir da questão norteadora, que visa iniciar o diálogo entre a pesquisadora e a participante. A pergunta disparadora foi: “Gostaria que a senhora descrevesse para mim o que o *pole dance* fez por você?”. A partir desse momento, outras perguntas foram inseridas, possibilitando uma melhor compreensão acerca do fenômeno, a fim de abarcar o objetivo da pesquisa. Para a identificação das participantes, os nomes escolhidos foram de movimentos da *pole dance*. Ao final das entrevistas, as mesmas eram questionadas se havia alguma figura que marcou, seja pela dificuldade ou pela beleza. Ressalto que somente uma das participantes teve seu nome escolhido pela pesquisadora, pois não conseguiu descrever um movimento específico que mais lhe marcou. Os nomes escolhidos foram: *Handspring, Pencil, Inversão, Knee Hold, Superman, Superwoman, Cisne, Jade, Seat P, Princess, Split e Superinversão*

Busquei interrogar o fenômeno pesquisado, que a si mesmo se mostra. Este tipo de pesquisa está

[...] dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o participante tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe. (VALLE & VENDRUSCOLO, 1996 *apud* CASTRO, 2009, p.84).

Para Espíndula e Valle (2002, p.190) *apud* Castro (2009, p.87) o “ver” esta experiência necessitou de um “olhar cuidadoso” além do que se evitaram quaisquer preconceitos, teorias ou explicações *a priori*. Pois, a posição fenomenológica implica dirigir-se aos fenômenos de maneira aberta, livrando-se das especificidades e pré-conceitos. Ou seja, inquiridor fenomenológico dirige-se para o fenômeno da experiência em sua forma pura. Diante do fenômeno, ele suspende qualquer julgamento e abandona os pressupostos a respeito

deste. Para ele, os dados são absolutos e devem ser compreendidos na pura intuição imanente. A realidade na visão fenomenológica não é este mundo de matéria e atos que existe objetivamente. Há um sentido que permeia as ações, os objetos, o mundo; há um sujeito que dá sentido a tudo (NEVES & CARVALHO, 1990).

A subjetividade é a correlação com o mundo, sem a distinção de dentro e fora, é relação do corpo com o meio. Nessa organização, os eventos adquirem sentidos, pelo que foi experienciado, um sentido vivido, fazendo do sujeito ator e autor de sua própria história. O sentido visa englobar todos os componentes do ser-no-mundo, ou seja, o “*sentido é aqui compreendido, portanto, não apenas como produção cognitiva, representacional, mas como algo que envolve elementos sociais, situacionais, afetivos, históricos e atuais do sujeito*”. (FREITAS, 2010, p.79)

Creiasco (2009) coloca que na pesquisa fenomenológica é essencial questionar o fenômeno, perguntar “o que é isso?”, ir-à-coisa-mesma, ir em busca de compreender o fenômeno em sua essência, em sua existência. A entrevista sob o olhar da fenomenologia procura perceber o sentido do comportamento, efetuando a leitura da verdade, que culmina em ter uma visão de unidade e totalidade, visão de ultrapassagem do pensamento objetivo situando o comportamento para além de conteúdos particulares motores e visuais, é a “*mostração de sua totalidade e não de seus fragmentos*” (CARVALHO, 1991, p.45 *apud* CASTRO, 2009, p.75).

A análise dos dados foi baseada nas orientações de Martins e Bicudo (2005), tendo como primeiro passo a leitura desprovida de interpretação de cada entrevista a fim de compreender a linguagem da participante. Com a releitura foi possível discriminar as unidades de significados, que são os pontos mais significativos identificados, em que se torna possível tematizar os pontos-chaves para a compreensão do fenômeno, e a partir daí, foram construídas categorias temáticas que expressassem as mudanças oriundas da *pole dance* na vida dessas mulheres. No segundo momento, convergiu-se os aspectos comuns e as idiosincrasias encontrados em todas as transcrições das entrevistas, construindo-se as categorias de análise, de modo a apreender o fenômeno em toda a sua complexidade.

Para a efetivação da análise dos dados, utilizei o método fenomenológico em Merleau-Ponty que visa compreender o fenômeno, o sujeito, e não explicá-lo, construindo assim o conhecimento. Diferenciando-se da fenomenologia de Husserl, Merleau-Ponty não reduz o fenômeno de forma completa, preocupando-se com a consciência perceptiva e não com a intencional do estudo. Pois é através do sentido que é possível compreender o fenômeno em sua totalidade, “[...] os sentidos que vivenciamos e comunicamos ao mundo são encarnados,

são elaborados no contato do corpo com o mundo e o sentir, desta feita, habita o percebido”. (MELO & CALDAS, 2013, p.189)

A experiência da corporeidade possibilita a compreensão do vivido, do fenômeno em sua existência. E compreender a dimensão da corporeidade é ir contra as visões reducionistas, deixando que o outro se apresente, na sua forma de efetivar-se no mundo, encontrando as inter-relações do sujeito com o meio. “A prática compreensiva nesse procedimento implica saber ouvir o outro, deixando para ele as possibilidades de expressão de sua situação na condição humana.” (MACHADO, 2011, p.57)

A pesquisa levou em consideração todos os parâmetros da Resolução CNS 196/96 que rege acerca de pesquisas com seres humanos. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM após a submissão na Plataforma Brasil do Conselho Nacional de Pesquisa – CONEP, tendo como número do Parecer Consubstanciando 686.568 (ANEXO B), aprovado em 11 de junho de 2014. Salvaguardo, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (ANEXO A), declarando estarem ciente dos objetivos da pesquisa, autorizando a áudio-gravação das entrevistas.

*Eu tentei 99 vezes e falhei. Mas na centésima tentativa eu consegui.
Nunca Desista de seus objetivos, mesmo que eles pareçam
impossíveis. A próxima tentativa pode ser a vitoriosa.*

Albert Einstein

4 RESULTADOS

As experiências das participantes com *pole dance* variam de três meses a cinco anos, e dentre elas vemos similaridades e idiossincrasias, desde seus objetivos para começar a seus motivos para continuar. Alterações na autoestima, no condicionamento físico e na formação de novas amizades apresentaram-se de forma marcante no discurso dessas mulheres que no encontro com uma barra vertical puderam re-encontrar a si-mesmo. Para uma observação detalhada desses e outros aspectos, os discursos foram divididos em categorias e subcategorias, proporcionando um melhor entendimento da existencialidade de mulheres praticantes de *pole dance*.

As categorias e suas subcategorias referentes são:

- Primeira Categoria: Começando a “polear”.
Subcategorias: A aula experimental e o amor à primeira vista; e Vínculo com a *pole dance*.
- Segunda Categoria: Obstáculos *versus* Superação.
Subcategorias: Limitações Físicas e Lesões; Perseverança; e Dificuldades Financeiras.
- Terceira Categoria: Pré-Conceitos.
Subcategorias: Pré-conceito da sociedade; Pré-conceitos dentro da família e no ambiente de trabalho; Pré-conceito com o próprio esporte; e Formas de lidar com o pré-conceito.
- Quarta Categoria: Re-descobrimo ser-si-mesmo: benefícios oriundos da *pole dance*.
Subcategorias: As amizades do e no estúdio e além dele; Relacionamento Conjugal; Mudanças Físicas; A Feminilidade e a Sensualidade; e A Autoestima e a Autoconfiança.
- Quinta Categoria: “O que significa *pole dance* para você?”.
Subcategorias: *Pole Dance* como sinônimo de mudança; *Pole Dance* sem fim; e *Pole Dance* e bem-estar.

1) Começando a “polear”

Inúmeras formas de acontecer marcaram o primeiro encontro com o esporte, dentre elas um convite inesperado de uma conhecida, uma matéria jornalística para o trabalho, a participação em uma despedida de solteira, fotos em redes sociais e até o incentivo do namorado.

Eu vim prum chá, uma despedida de solteiro de uma amiga. E, na despedida, a V. faz uma apresentação né? E faz um joguinho, ela ensina a gente a escalar, ensina a fazer o *seat p*, secretária, e ela faz uma brincadeira, quem consegue ficar mais tempo, essas coisas. Esse foi meu primeiro contato com o pole. (Entrevistada *Superman*)

Por ser jornalista, a entrevistada *Handspring* conheceu o esporte através de um matéria realizada em uma academia, sobre um *workshop* de *pole dance* que haveria. Então, houve um encanto pelos movimentos. “Ah, ela tem cinquenta anos, se ela consegue fazer eu também consigo”. E aí, foi aí, que eu decidi fazer pole”. E a sua motivação foi seu marido: “[...] por ser casada, tudo, eu queria apimentar a relação”.

Jade conheceu a *pole dance* através de uma matéria de jornal, “inaugurado o estúdio de pole dance, não sei o quê e tal”, enquanto que a entrevistada *Pencil* por uma foto de uma amiga, publicada em uma rede social, sentiu-se estimulada a conhecer a modalidade. “Na verdade, foi uma foto que ela publicou e que eu achei muito interessante, curti e eu sempre soube que eu ia querer tentar fazer”. Já com a entrevistada *Split*, o incentivo veio do namorado e de sua vontade de tirar o relacionamento da crise, além do desejo de aprimorar seu lado feminino.

[...] ter algo de novo pra contar, me envolver mais com mulheres. Porque até então meu trabalho desde sempre foi homens, homens, homens. Então, acabei entrando na parte do... aumentar mais o lado feminino né?

A *Pole Dance*, por exigir o contato da pele com a barra para que não ocorra o deslize na hora dos movimentos, quebrou barreiras que as participantes tinham com seu corpo. Muitas, em sua primeira aula, foram de shorts compridos e camisetas largas. Com o tempo, precisaram abdicar do “pudor” e aderir ao top e a bermuda curta. Isso influenciou na aceitação do próprio corpo e na quebra do estigma de que beleza é sinônimo de magreza.

Você descobre que precisa estar com pouca roupa pra fazer o exercício. E eu cheguei com muita roupa. Eu chegava toda coberta, envergonhada. Porque é aquela

história né? Se você está fora do padrão, não é bonita o bastante, seu corpo não tem que ser exibido pra ninguém. (Entrevistada *Split*)

- **A aula experimental e o amor à primeira vista**

Muitas das participantes relataram ter feito uma aula experimental, a fim de conhecer o esporte e se o mesmo era o que procuravam, tal como relata a entrevistada *Superman*: “E eu fiz essa aula experimental. Na aula experimental, ela já ensina a andar e ensina aquelas coisas mais básicas né? E eu já me apaixonei”.

A entrevistada *Seat P* conheceu pole dance nove meses antes de começar a atividade. Essa demora se deu pela vergonha, pois achava que a atividade era muito sensual e, por não ter um companheiro, acreditava não haver motivos para praticar. Entretanto, com o início das atividades, sua opinião mudou. Agora já vê *pole dance* como esporte e como um caso de amor.

A primeira travada de perna é a primeira paixão. O primeiro roxinho, assim, eu amei, amor, amor à primeira marcada né? Não é nem à primeira vista. É à primeira marcada. E eu me apaixonei. Mais do que me apaixonei pelo um homem.

Esse sentimento se reflete em outra participante que descreveu da seguinte forma:

Ah! O pole é, sei lá, paixão à primeira vista. Quando eu vi... Eu tinha sempre uma curiosidade, mas não tinha coragem, né? Porque tinha muita má fama. Aí depois, me deu coragem e fui. (Entrevistada *Superwoman*)

Para a entrevistada *Handspring*, cada treino fortalecia o amor pelo esporte e a sensualidade foi ficando em segundo plano.

[...] que eu ia vendo que, que as aulas exigiam uma certa força que eu não tinha, que pra eu melhorar eu precisava, é, ser assídua na aula, precisava fazer um outro exercício que pudesse me fortalecer. E aí, treino após, treino após treino, que eu fui começando a me apaixonar mais e colocando essa questão da sensualidade em segundo plano.

- **Vínculo com a *pole dance***

Assim como em qualquer relação, o vínculo com o esporte se dá por algumas características, fazendo com que se enquadre na rotina daquela mulher que o pratica. Entretanto, para cada uma há um sentido diferente na prática do esporte. Para a entrevistada

Superman, a dificuldade apresentada em cada figura, em cada novo movimento, a fez perseverar, pois a sensação de poder realizar, de sentir-se capaz elevou a sua autoconfiança.

[...] o que fez com que eu me apaixonasse pelo *pole*, eu acho que era a dificuldade. Porque é muito legal você sentir que tá evoluindo, sentir que você consegue fazer coisas que você não acreditava que seria capaz né?

A variedade nos exercícios também estimulou a entrevistada *Jade* a continuar frequentando o estúdio, pois a mesma sempre teve muita dificuldade em aprender movimentos novos. A perda de dezesseis quilos facilitou no desenvolvimento de força, tudo resultado da persistência nos movimentos. “E aí o mais legal de tudo pra mim, foi porque como tinha muita variedade de movimento, eu não ficava entediada de fazer o exercício”.

A entrevistada *Split* continuou praticando *pole dance* quando ela percebeu o quanto fazia bem a sua autoestima. “E o motivo quando eu entrei no pole, o meu motivo, o meu objetivo já mudou totalmente né? Que não era mais pro namorado, já era mais pra autoestima”.

Com a necessidade de se sentir mais feminina, a entrevistada *Inversão* quis procurar uma atividade que acentuasse esse seu lado, dança do ventre foi uma das alternativas. Por ser cirurgiã geral, a mesma relatou que precisou se impor em muitos momentos na sua profissão e isso estendeu também na relação com seu ex-marido. Por ter essa postura mais firme, com voz mais grossa, essa entrevistada teve um choque na sua primeira aula de *pole dance*, em que a professora só iria passar novos passos no momento em que ela gostasse de si.

E na primeira, no primeiro dia, na primeira andada, né? A caminhada ao redor do pole, a professora disse “você tem que se querer”. Eu achei aquilo muito interessante. “Eu tenho que me querer?”. “É, tu vai ficar rodando aqui até tu te querer, até tu te ver como mulher e te ver feminina, você tem que se querer”. E eu fiquei pensando naquilo e, realmente, eu nunca tinha parado num espelho pra me olhar sabe. Eu achei aquilo interessantíssimo.

Tendo modelos de inspiração, como *pole dancers* internacionais, e conseguir realizar movimentos que elas executam, com nível de dificuldade alta, ajuda a elevar a autoestima, como explicado no excerto do discurso:

Então, quando você vê, é, aquelas mulheres que são, sabe, altas e com as pernas longas e postam aqueles vídeo lindos e que você vê que consegue fazer, que você começa a tentar e ver que é capaz de realizar aquilo, é muito gratificante. (Entrevistada *Superman*)

Ao começar uma nova atividade, muitas se sentem instigadas a pesquisar formas de aprimorar suas performances: é a motivação gerada pela novidade. Isso não seria diferente com a dança da barra. “Porque quando você começa a fazer o *pole*, você fica um pouco viciado né? Naquilo. Então, você pesquisa sobre *pole*, vê vídeo de *pole*, Instagram, o celular é só foto e vídeo de *pole*”. (Entrevistada *Superman*)

A entrevistada *Seat P* colocou durante sua entrevista sobre a dificuldade no início, nos primeiros movimentos. Porém, com o estímulo da professora e com a realização do movimento, ela diz ter encontrado o seu lugar. “Quando eu consegui segurar, ela disse ‘vai’, quando eu consegui fazer a trava, foi ali, é aqui que eu me encontrei. Vou ficar aqui. Não tem pra onde correr”.

2) Obstáculos *versus* Superação

Assim como qualquer atividade física, lesões podem ocorrer durante os treinos e as limitações de movimentos e flexibilidade também podem se tornar um empecilho. Todavia, a perseverança e a motivação, mas principalmente a necessidade de superar-se, quebram a barreira do “não consigo” para a surpresa em cima de sua própria capacidade de resiliência.

- **Limitações Físicas e Lesões**

Vídeos e fotos sobre *pole dance* são incríveis de se ver, mas como executar com maestria os movimentos? Nesses momentos, é necessário perseverança para continuar, sem desistir no primeiro deslize ou no primeiro hematoma. Algumas figuras exigem um pouco mais de flexibilidade ou força, ou simplesmente na hora de realizar podem provocar algumas lesões, os ditos roxinhos, lesões musculares e articulares. Mas, nem isso, desmotivou essas mulheres a continuar treinando. Muitas vezes, acabam virando sinônimo de superação, aquela figura torna-se meta.

E é fácil de fazer, mas assim, é, como é que eu posso dizer, acabou me deixando assim com umas dores na costela e que eu tive que me afastar tipo uma semana, tomar, é, alguns relaxantes musculares. Aí eu fiquei “nossa, não acredito que eu vou ter que me afastar”. (Entrevistada *Split*)

Acrescenta-se que os famosos “roxinhos” tendem a incomodar as pessoas que não sabem de onde eles são oriundos. “Eu acho que incomoda mais os outros. Porque “ah tu tá roxa, tá roxa”. E eu “é, tô”. (Entrevistada *Superinversão*)

Todavia, algumas participantes encontraram mais que roxinhos no caminho e tiveram que afastar por um tempo da atividade devido a lesões que o esporte pode proporcionar. Com um machucado no punho, a entrevistada *Princess* ficou quatro meses sem poder praticar *pole dance*. Esse período ficou marcado por um estado depressivo, pois a atividade lhe proporcionava alegria e prazer. Sua família e ela ficaram assustadas com a proporção do acontecimento, mas a mesma não desistiu de retornar aos treinos. Seus vídeos e fotos a incentivavam e melhoravam sua autoestima, mas uma frase da presidente da FBPOLE, Vanessa Costa, a marcou. Esta teve uma lesão no ombro e ficou nove meses afastada. Em seu depoimento disse que voltou a prática com força total. Essa mesma força, ela vincula a sua volta que ficou marcada por figuras que antes pareciam impossíveis de se fazer. “Com força total. E eu vim fazendo coisas que eu não conseguia fazer. E até hoje eu vejo que venho fazendo coisas que eu não conseguia fazer antes”.

- **Perseverança**

Olhar as próprias fotos e vídeos proporciona motivação em continuar. É possível visualizar a transformação e o aprimoramento na flexibilidade, ponta de pé, força e curvas do corpo, além de comparar figuras e como se deu a evolução, o antes e o depois das mesmas. São como forças motrizes para a continuação no esporte. “A gente tem que tirar foto sempre, tem que ficar o tempo todo com as nossas fotos de celular, pra gente tirar. Tanto é que essas fotos hoje me motivam”. (Entrevistada *Knee Hold*)

A entrevistada *Cisne* também comenta sobre a importância das fotos: “Não pra dizer ‘nossa, como ela tá gostosa nessa pose’, mas é pra mim ‘puxa eu consegui, é força, eu cheguei até aí. Será que eu consigo fazer sozinha de novo?’.”

Cada uma das mulheres encontrou dificuldades na execução de algumas figuras, mas foi justamente essa persistência que acentuou os sentimentos de perseverança e superação, onde insistir um pouco mais pode levar a concretude do objetivo almejado. “‘Não, vai sair, vai sair’. E numa hora saía e ficava lindo. E a gente ‘cara, cara que legal. Não acredito que eu consegui fazer isso’. Aí dava aquela sensação gostosa de superação.” (Entrevistada *Knee Hold*)

A entrevistada *Superman* também coloca que a dificuldade foi a faísca do amor pelo esporte, mas que é uma mescla de fatores que a mantém nos treinos. “[...] a dificuldade fez com que eu me apaixonasse, depois as amigas me mantiveram no *pole* e hoje eu acho que é uma mescla né? Da dificuldade com as amigas com a novidade”.

A entrevistada *Jade* descreve que com a *pole dance* descobre-se que sempre pode ir um pouco além do que se imagina, e não só fisicamente. “Então, ele serve até pra, pra te mostrar o quanto tu é forte, de caráter, de força interior, pra lidar com diversas situações”. Ela conclui que “eu sou muito resiliente assim à dor e à frustração”.

- **Dificuldades Financeiras**

Por dificuldades financeiras, a entrevistada *Seat P* entrou em acordo financeiro com um irmão, para que pudesse continuar treinando no estúdio, já que não tem condições de pagar a mensalidade.

Aí passou uma semana, eu fiz um trato com meu irmão: “eu lavo, passo, cozinho e cuido do teu filho e tu me paga pra eu fazer o *pole*”. Ai ele falou “tá bom”. Só que aí ele foi adiante. Eu tenho que costurar as cuecas dele na mão, costurar... [risos] Cuidar do quarto dele, tudo pra vir pro *pole*. Porque, porque já não quis ficar sem fazer entendeu. Já é assim, me apaixonei. Eu olho pros meus roxinhos, assim, nas minhas pernas e fico tão emocionada. [risos]

3) Pré-Conceitos

O preconceito, ou pré-conceito, refere-se a uma concepção primária que se tem de qualquer fato, objeto ou pessoa, antes de conhece-lo em sua essência. Esse conceito não é vinculado somente ao caráter negativo, mas sim ao primeiro contato. Todavia, com a dança da barra, em sua maioria, os pré-julgamentos são guiados por adjetivos pejorativos. As participantes relataram algumas dificuldades que tiveram ao assumirem que estavam praticando *pole dance*.

- **Pré-conceito da sociedade**

Inúmeras pessoas na sociedade atual e, principalmente, de convívio diário das participantes tende a relacionar *pole dance* como uma dança de cabaré, de garota de programa. A novela *Duas Caras* de 2007, em que havia a personagem *Alzira*, mostrava a

história de uma mulher sensual que se prostituía e dançava *pole dance*, é citada por algumas participantes como um critério de comparação das atividades pelas pessoas que não praticam.

Falei “mãe, é uma dança, não tem haver com isso que tá passando na novela, o que eu faço é isso aqui, mais ou menos nessa linha”, mostrei, “nem de longe eu chego perto disso, porque eu não sou, eu não tenho coordenação motora suficiente pra dançar e conseguir fazer isso no ritmo e tal. Mas eu tô treinando pela atividade física. (Entrevistada *Jade*)

A entrevistada *Knee Hold* também ressalta esse aspecto:

Porque o pole, infelizmente, ainda hoje, ele é considerado, é, é, uma dança de mulheres de programa. Infelizmente né? Que as mulheres de programa fazem pra dançar ali, pra seduzir os homens.

Para maior segurança na realização dos movimentos as mulheres usam tops e shorts curtos. Contudo, a utilização, ou a pouca utilização de vestimenta, agrava os comentários negativos em relação ao esporte pelas pessoas que não o conhecem. As participantes tentam explicar para as pessoas como o esporte funciona. A entrevistada *Superman* faz uma comparação interessante, na tentativa de igualar a *pole dance* com outro esporte: “[...] a gente pratica um esporte e uma foto no *pole* é igual a uma foto de alguém que tá correndo e ganhou uma medalha”.

Para a entrevistada *Split*, *pole dance* é um conjunto de exercícios realizados em uma barra vertical. Porém, ditas pessoas enxergam como uma atividade vulgar. “Mas é como se fosse, você tivesse... é querendo se prostituir digamos assim. É até pesado a palavra né? Mas, enfim”.

A entrevistada *Handspring* aproveita as oportunidades para passar outra ideia sobre o esporte, pois a percepção de muitas pessoas é totalmente diferente de que o pratica.

[...]eu queria ter a oportunidade de estar de frente com pessoas que falam pras minhas alunas, que falam pras minhas amigas que fazem *pole*, entendeu, de falar o que eu tenho pra falar pra elas.

Diferente da maioria das participantes, que encontra rejeição de algumas pessoas próximas, a entrevistada *Cisne* acrescenta que sempre teve apoio da família “E, assim, a minha família sabe, tipo não tem ninguém contra, meu sogro, minha sogra, meu filho, todo mundo já sabe”.

- **Pré-conceito dentro da família e no ambiente de trabalho**

A entrevistada *Superwoman* relata a dificuldade de sua filha em aceitar seu esporte ao postar suas fotos em rede social. “[...] e ela: ‘Mãe, as minhas amigas ficam vendo [risos] e elas ficam comentando. Eu não gosto, eu tenho vergonha. Para, fecha isso aí. Faz privado seu *Instagram* para ninguém poder ver’”. Hoje, após alguns anos de prática, sua filha já entende o esporte, mas nunca pensou em se envolver e participar de uma aula junto com a mãe.

Em seu sentido mais pejorativo e de desvalorização do que a outra pessoa faz ou é, as praticantes de *pole dance* encontram de seus próprios lares a falta de apoio à atividade. “[...] a minha mãe até hoje ela não aceita. Até hoje ela ainda diz ‘tu ainda tá naquele negócio de ficar de cabeça pra baixo?’”. (Entrevistada *Knee Hold*)

O pai da entrevistada *Jade* demorou a aceitar o esporte de sua filha, pois acreditava ser um esporte de garota de programa e era inaceitável que sua filha inteligente tivesse aderido a essa prática. Entretanto, com o passar do tempo, a compreensão do esporte, do bem-estar e de que isso não mudou o caráter de sua filha o fez mudar de ideia.

Então, quer dizer, eu acho que já aceitou e já entendeu que isso não me mudou como filha, como pessoa, em termos de comportamentos e temperamento, e comportamento em relação à família né? Porque eu nunca, nunca deixei de ser quem eu sempre fui com eles né?

A entrevistada *Handspring* também enfrenta a não aceitação do esporte pela mãe, que vê como uma dança vulgar, sensual e de boate. E, diante dessa dificuldade, ela ainda quer mostrar para sua mãe que, muito além de uma dança, é um esporte que proporciona benefícios físicos e mentais.

E pra ela, ela é uma das principais pessoas que eu quero provar que eu quero mostrar que, que, que pode, que é um esporte, que pode vir a ser um esporte olímpico, que não existe nenhuma maldade, dependendo da pessoa que tá praticando.

A abertura aos comentários no ambiente de trabalho foi mostrado com limites bem precisos, para que não houvesse manifestações negativas direcionadas à atividade pela entrevistada *Pencil*: “[...] eu sou uma pessoa muito grossa né? Então, eu já chego cortando o barato. Então, nunca tiraram nenhum tipo de gracinha comigo e se tiraram, é, fui logo cortando o mal pela raiz”.

- **Pré-conceito com o próprio esporte**

A entrevistada *Pencil* ministra aulas de *pole dance* e acredita que ao fazer segredo sobre algo é porque tal está errado. Isso acaba disseminando ainda mais os comentários maldosos sobre o fato em questão. Por esta razão, ela relata não querer dar aula para uma pessoa que tem vergonha de suas atividades, vergonha do próprio esporte e que a mesma não deveria pratica-lo.

Então, tipo assim, é porque eu acho que até hoje, hoje, eu me recuso a dar aula ou a ter por perto uma pessoa que tem vergonha de dizer que faz *pole*, entendeu? Eu não, eu não aceitaria uma pessoa dessa na minha turma. [...] Eu acho que você ter preconceito com o próprio esporte, você não merece estar nesse esporte. E aí, desde o primeiro dia, eu já falei pro meu chefe que eu fazia. E quem perguntava, nunca ficava com vergonha, não falava baixinho, entendeu? Eu falava em alto e bom tom.

Indo contra a esse fato, a entrevistada *Superinversão* não divulga sobre seu esporte no ambiente de trabalho.

Não falo tanto por causa do trabalho. Trabalho com um monte de homem. E, aí, se eu sair postando foto e se eu ficar falando, aí pode não ficar legal. Eu trabalho mesmo com pessoal de produção e tal. [...] E também, pra eu tentar focar mais, na hora que eu for falar, na parte do fitness, não tanto da dança, pra poder não, o pessoal da produção não ficar tirando onda.

Contudo, isso não se repete com seu grupo de amigos que questionam se a mesma consegue “ficar de cabeça para baixo”. “Claro, é uma das coisas mais fácil”. Mentira, que eu demorei um tempão pra virar. [risos]”. Mas, a entrevistada *Superinversão* só assumiu sobre seu esporte alguns meses depois, pois tinha medo de não continuar e ao perguntarem sobre o esporte, ela mencionou que havia desistido.

A entrevistada *Jade* descreve que quebrou pré-conceitos desde o começo, por não acreditar ser capaz de realizar certos fatos. O pré-conceito precisou se romper no início. “Eu não achava que eu conseguia fazer uma série de coisas, mas até pra começar eu já tive que ter um preconceito quebrado”.

Para a entrevistada *Superman*, *pole dance* não deveria ser motivo de vergonha e, sim, de orgulho, por ser algo que exige muito do corpo e ser algo tão gratificante ao realizar.

Inclusive preconceito da própria pessoa com aquilo que ela pratica né? Então, eu também não tenho esse preconceito. Eu acho que não faço nada de mais, muito

pelo contrário, eu acho que o meu esporte é muito bonito, muito difícil, muito perigoso e é ótimo conseguir fazer.

- **Formas de enfrentar o pré-conceito**

Um movimento chamado *Pole Street* foi realizado em Setembro de 2014, às proximidades do Teatro Amazonas, no Centro de Manaus. Seu principal objetivo era mostrar a outras pessoas como o esporte se constitui. A entrevistada *Split* comentou sobre a parceria dos familiares das mulheres que participaram do movimento, ou seja, o apoio das pessoas próximas: “É... a gente teve aquela... o *pole street* lá no Largo São Sebastião e a gente viu o companheirismo, assim, das mulheres que levaram seus companheiros né? E tá ali apoiando”.

As postagens de fotos em redes sociais serviram de alicerce na quebra de estigmas em relação ao esporte, que vai além da exibição do corpo.

[...] a gente começa a postar nas redes sociais algumas fotos de figuras que a gente faz né? Aí, as pessoas começaram a ver que realmente tem um outro lado, que a gente não tá ali só mostrando a bunda, só sensualizando não, que a gente tá fazendo um esporte bacana né?”. (Entrevistada *Knee Hold*)

4) **Redescobrimo ser-si-mesmo: benefícios oriundos da *pole dance***

O ser-humano é um ser social. Isso não difere dentro de um salão de beleza, um centro de compras e um estúdio de *pole dance*. Entretanto, no estúdio, o surgimento das amizades se deu por ser um esporte em que o auxílio do outro se faz necessário, característica desta atividade. Há, então, o fortalecimento de vínculos baseado na confiança. Essa confiança se estende além do outro e invade o próprio ser. As consequências são inúmeras: elevação da autoestima, da percepção da feminilidade, por muitas vezes esquecida, e as mudanças físicas. Outro aspecto que também se torna fortalecido é o relacionamento conjugal que se beneficia dessas mudanças não somente pela sensualidade manifestada, mas pela autoconfiança estabelecida.

- **As amizades do e no estúdio e além dele**

As amizades, construídas dentro do estúdio de *pole dance*, são grandes influenciadoras também para a continuação da atividade. “Mas, contribuiu porque eu fiz amizades ali dentro

né? E aí, as minhas próprias amigas me incentivavam a ir em momentos em que eu pensei em desistir né? E aí, tô até hoje”. (Entrevistada *Knee Hold*)

Essa entrevistada ainda relata que essas amizades que hoje a influenciam a continuar praticando, no início, eram protagonistas de uma grande rivalidade.

A forma como começou a nossa amizade foi muito interessante porque nós éramos realmente rivais. Ninguém gostava uma da outra [risos]. Nós nos odiávamos e, por conta, por ironia do destino né? A R. veio fazer uma aula com a gente. E foi assim, tivemos uma afinidade na mesma hora né? Na mesma hora a gente encaixou ali e depois começamos a treinar juntas.

A solidariedade se faz presente durante as aulas, pois cada mulher ajuda outra companheira de sua turma, havendo uma troca de conhecimentos para o crescimento de todas em igualdade.

Tem um companheirismo, sabe, uma solidariedade “você vai, você faz assim, faz assado, é melhor”. Algumas coisas eu ajudo, outras elas ajudam. Então isso também, a convivência com as meninas é muito legal. (Entrevistada *Inversão*)

As amizades se estendem além do estúdio e até as famílias das alunas, conforme relata a entrevistada *Handspring*, instrutora do estúdio:

É uma nova família, porque aqui eu tenho uma nova família né? Eu acabo construindo laços, não só com as minhas alunas, mas com familiares, com as pessoas próximas das minhas alunas.

A entrevistada *Jade* fala de como a amizade se constitui com pessoas com diferentes papéis sociais e como se estabelece um vínculo de confiança, pois ao realizar inúmeros movimentos é preciso o auxílio de outra pessoa. Pode se dizer que é uma aproximação um tanto que forçada pelo contexto, mas que une pessoas com ideias tão diferentes, mas com um amor tão parecido pelo mesmo esporte.

[...] enfim, existem mulheres de diversos níveis sociais, de diversas profissões e temperamentos diferentes um dos outros, e que em outras situações você não queria conhecer ou talvez tivesse um, uma, uma barreira pra se aproximar, e por conta do *pole*, precisar tanto ter uma confiança no outro, você, você, você coloca, no fundo, você coloca a sua saúde e a sua vida na mão de quem tá te ajudando nos primeiros movimentos daquele movimento.

- **Relacionamento Conjugal**

Realizar uma dança, incrementando uma noite especial, é um dos fatores levantados pelas participantes como um diferencial em que pratica *pole dance*.

Porque você consegue fazer uma noite especial, uma coreografia pra aquele dia especial, usar música que é marcante pro casal pra poder, sei lá, fazer... um presente, uma declaração pra, sei lá, qualquer coisa assim que, que possa é tornar o momento diferente né? E inesquecível. (Entrevistada *Superman*)

Ciúmes excessivos sempre geraram muitos problemas em relacionamentos. Isso não era diferente com a entrevistada *Handspring*. Quando questionada sobre mudanças que ocorreram após o início das atividades, ela relatou que por ter fortalecido a sua autoconfiança, os ciúmes em seu relacionamento diminuíram. “A questão da autoestima né? Que elevou bastante, me deu segurança na minha relação, de autoconfiança, a questão de eu ser uma pessoa menos ciumenta do que, do que eu era”.

Um dos motivos que impulsionou a entrevistada *Split* a iniciar a prática de *pole dance* foi retirar o seu relacionamento da rotina. Esse movimento se deu não pelas apresentações para o namorado e, sim, por ela ter elevado sua autoestima e se amar mais.

[...] tô emagrecendo, numa fase de emagrecimento. Estou me amando mais. E, já até, dancei pro meu namorado né? Já tive algumas é... Já tô mais é exibida pra ele. Ele vê que eu já estou mais segura. Até porque é a parte de insegurança numa mulher acaba literalmente com o relacionamento.

Com um namorado mais jovem, a entrevistada *Inversão* se sente admirada e desejada pelo seu namorado ao realizar movimentos de *pole dance* para ele. Essa relação com-o-outro a faz sentir-se realizada, sentir-se mulher.

E, depois, hoje, também, o *pole* tá me servindo, o *pole* sensual, por causa do meu namorado, [risos] que tem vinte e dois anos de idade e simplesmente ele é apaixonado. Quando, eu já dancei duas vezes pra ele e ele simplesmente ficou enlouquecido. Então, isso me, me faz ser feminina, me faz mulher. Eu me sinto realizada.

A *pole dance* também foi um difusor de águas no término de relacionamentos. *Jade* viu sua autoestima ao terminar um namoro de oito anos. Seu ex-namorado casou-se com outra pessoa somente após seis meses depois do término. Ela não estava mais cuidando de sua

saúde nem de sua vaidade. Foi quando decidiu procurar por algo que fosse sinônimo de cuidado com-si-mesmo. E eis que surgiu a *pole dance* na sua vida.

Enfim, eu tava a autoestima muito baixa. Eu não tava me cuidando tanto quanto eu poderia, mas nessa época que eu entrei pro pole foi uma época que eu tomei uma série de decisões. E dentre elas, foi a de cuidar da minha saúde, de me cuidar, mas de mim, investir na minha pessoa.

- **Mudanças Físicas**

A transformação do físico é um grande motivador na atividade esportiva: há troca de gordura corporal por massa magra, “Só que é outra estrutura de corpo, porque assim você ganhar massa muscular né? Perde gordura.” e o corpo ganha formas “O corpo fica mais definido. Sem falar o corpo inteiro, mas sem falar costas, braços né? Ombro que fica muito, muito forte”. (Entrevistada *Superman*)

Outras modalidades de exercícios tornaram-se grandes aliados na prática de *pole dance*, para que juntos propiciem uma melhor qualidade de vida. “Aí depois, comecei o *pole*, comecei a me alongar, entendeu? Era outra postura, aí eu comecei a ver os outros benefícios, aí meu corpo foi mudando naturalmente”, disse a entrevistada *Superwoman*. A mesma ainda relata do equilíbrio entre *pole dance* e musculação: “Porque faço tanto uma musculação pra não me prejudicar, mas também não vou deixar de fazer pra ter força pra poder fazer os movimentos no pole”.

- **A Feminilidade e a Sensualidade**

A entrevistada *Inversão* relata que sempre colocou uma armadura em sua frente para lidar com as pessoas próximas e com a sociedade em geral, assumindo uma postura masculinizada. Com a prática de *pole dance*, ela relata que seu lado feminino aflorou, sendo desejada pelo namorado e bem consigo mesmo.

[...] te achando linda, te achando sedutora, te achando amável e eu sendo muito mais dócil, muito mais meiga, muito mais sensível, coisa que eu nunca fui, eu acho que isso é o meu lado feminino né?

Apesar das participantes defenderem a *pole dance* como uma atividade esportiva, ela não perde a característica sensual dos seus movimentos: é a junção da beleza com a força física.

Fiquei mais vaidosa. Quero ficar mais cinturinha, porque as mulheres que praticam o *pole*, o esporte, eu não olho mais o *pole* como algo erótico, eu olho, eu sempre falo dele como um esporte. Ainda assim elas são sensuais na hora que elas sobem, na hora que elas viram, na hora que elas fazem... A barra... Sempre tá doendo, mas sempre procuram passar um negocio que assim... toda bonitinha... (Entrevistada *Seat P*)

A insatisfação com o corpo e/ou com as atividades é um reflexo da autoestima baixa. Ou seja, a sensualidade está estritamente relacionada à autoestima da mulher. A *pole dance* proporcionou um maior conhecimento de si, do seu corpo e isto se refletiu também no relacionamento amoroso. A entrevistada *Superman* citou que se sente mais segura, mais mulher: “É, eu nunca fui uma pessoa muito segura, e eu acho que o *pole* me ajudou muito com isso. eu acho que hoje eu me sinto mais feminina, mais segura, até no meu relacionamento”.

- **A Autoestima e a Autoconfiança**

Os relacionamentos conjugais não foram os únicos beneficiados com a prática de *pole dance*. Os outros setores da vida de cada participante também tiveram melhorias. “Mas, com certeza, eu tenho certeza absoluta que ele me deu um pouco mais de confiança com tudo”. (Entrevistada *Pencil*).

A entrevistada *Superwoman* coloca que uma mudança importante é com-si-mesmo: “Ah! Os outros benefícios é na cabeça né? Porque a gente fica muito mais a vontade conosco, com o nosso corpo. A gente se conhece melhor”.

“Com certeza, melhorou muito mais a minha autoestima” foi o que a entrevistada *Knee Hold* relacionou à prática de *pole dance*. Esse é um fato marcante em todas as participantes. Por diversos motivos, aquelas que se encontravam em um momento de estresse, insatisfação com o corpo ou de ser mais uma na multidão. O diferencial não seria o esporte em si, mas o que ele proporcionou de mudanças na vida dessas mulheres, em como essas mulheres passaram a se ver a partir do momento em que iniciaram a atividade.

“Ah, mas tu não acha que se destaca por que tu faz *pole dance*?” Não, eu me, eu sinto que eu me destaco porque a minha autoestima tá bem elevada e que eu já não tô mais como todo mundo, só passando. (Entrevistada *Princess*)

A tristeza também foi vencida pela *pole dance*. A entrevistada *Cisne* fez um curso técnico de Enfermagem, pois queria ocupar sua mente, mas foi o esporte que conquistou seu coração.

Com toda certeza, a autoestima né? Eu me sinto bem melhor, é, confiante, é, como mulher, como mulher. Eu tava, tava precisando de algum coisa pra me ocupar porque eu tava muito, eu tava muito triste mesmo. [...] Então, esse outro caminho, o *pole dance*, consegui me segurar, é uma coisa que me agrada, que satisfaz o meu coração também.

O empoderamento surge como sinônimo de transformação, ou melhor, metamorfose, realizada pelo ser no seu contexto. A entrevistada *Princess* relata que praticando a *pole dance* “você sente o poder”. Esse poder está diretamente correlacionado a autoestima.

“[...] tu se sente o poder. E tu sente a sua autoestima lá em cima. Então, eu não tava muito bem quando eu comecei. Eu tava com a autoestima muito baixa. E eu senti que a minha autoestima foi subindo, e foi subindo, e foi subindo cada vez mais né?”

A entrevistada *Superinversão*, que após a descoberta do amor pelo esporte não tende a permanecer tanto tempo no trabalho realizando hora extra, esquece de tudo ao chegar no estúdio. Há um cuidado maior com-si-mesmo. Relata também uma sensação de superação ao se dar conta dos movimentos que hoje consegue realizar.

Eu acho que a melhor parte é quando chega lá e não consegue fazer nada e depois de um tempão, você já ver que consegue fazer um monte de coisa. Isso é meio que superação, assim, então. Eu acho isso legal. Sem falar também que, pô, hoje eu me acho.

5) “O que significa *pole dance* para você?”

A possibilidade de compreender um fenômeno se dá pela escuta sem conceitos pré-estabelecidos da fala do sujeito que o experienciou. Para compreender a dimensão da *pole dance* na vida das participantes foi inevitável perguntar o significado dessa prática. Entre tantos sentimentos manifestados, a felicidade, a melhora na autoestima e na valorização de si-mesma foram claramente explicitadas nos discursos dessas mulheres que em uma barra vertical descobriram o poder que tenta superar a lei da gravidade.

- ***Pole Dance* como sinônimo de mudança**

Para a entrevistada *Superman*, ir para a aula de *pole dance* virou sinônimo de felicidade, um difusor de bem-estar. “A verdade é que eu saio daqui do pole sempre feliz, sabe. Às vezes, eu chego aqui triste, às vezes eu não estou a fim de vir, mas eu penso ‘não, eu não posso perder o *pole*, eu vou pro *pole*’.” Ela ainda acrescenta que a *pole dance* ajudou-a no crescimento pessoal, indo além do físico.

[...] me ajuda a melhorar em algumas coisas, me fortalece, não só fisicamente, mas fortalece a *Superman* [ela falou o nome dela], não os músculos da *Superman* sabe. Fortalece como, não sei, como mulher, como pessoa, como amiga.

A *pole dance* mexe com a estrutura do ser, sendo ele um todo, não havendo distinção do físico, do mental, do psíquico. “Mas, assim, perto de como eu estava, eu vejo que eu já mudei muito e eu vejo que eu melhorei muito, fisicamente, emocionalmente, eu amadureci também”. (Entrevistada *Jade*)

A entrevistada *Superman* também relata esses tipos de mudança em si, e ainda acrescenta a criação de vínculos com as outras pessoas:

Eu acho que eu tive bastante mudança e eu vejo todas como positivas. Principalmente, porque quando você se apaixona por alguma coisa que, aonde você consegue permanecer, você consegue fazer amizades e você consegue identificar pessoas semelhantes com você, semelhantes a você e pessoas diferentes de você, mas que ainda assim fa... tornam o grupo unido [...]

Após um dia cansativo, muitas participantes encontram na atividade uma forma de espairecer e aliviar o estresse da vida cotidiana.

Primeiro que eu posso tá num dia tenso, eu posso tá estressada, posso tá com raiva, eu chego ali, é interessante, é impressionante, como tem uma energia positiva, como tá todo mundo na mesma *vibe*, tá todo mundo ali com o mesmo propósito, todo mundo querendo evoluir, todo mundo querendo crescer. (Entrevistada *Knee Hod*)

- ***Pole Dance* sem fim**

Citado pelas participantes, o fim da prática de *pole dance* não é nem vista em um futuro próximo. Enquanto, for possível, a *pole dance* se fará presente, independente dos níveis de movimentos ou dos obstáculos que surgirem pela frente, tal como descreve a entrevistada *Superman*: “E enquanto eu viver e Deus me permitir eu quero fazer pole. Nem a minha queda

não me fez parar”. A afirmação da entrevistada *Princess* “[...] porque eu já defini que eu não sei o dia de amanhã, mas o quanto, o máximo que eu puder praticar melhor” conota a vontade de manter o espaço do esporte em sua vida.

- ***Pole Dance e bem-estar***

A entrevistada *Split* comentou que a modalidade deveria ser apresentada a todas às mulheres pelos benefícios que traz à vida como um todo: “Faz tão bem, sabe, pro ego, pra autoestima da mulher, pra confiança, faz bem pras mulheres, faz bem até pro seu companheiro né?”. Ainda acrescenta que entrar nesse esporte é “pra esquecer problemas, entra para emagrecer, entra pra tirar o relacionamento da crise, seja qual for o objetivo, mas assim, eu aconselho o *pole* como uma terapia mesmo”.

Quando questionada sobre como se percebe antes e depois de conhecer a *pole dance*, *Split* resume da seguinte forma: “Antes do *pole*, sem vida. Depois do *pole*, com vida”. Enquanto, a entrevistada *Seat P* compara a *pole dance* com um relacionamento amoroso: “É a minha paixão. É o meu macho. A barra, minha fêmea. Entendeu, a barra é a minha fêmea”.

Como dona do estúdio, a entrevistada *Handspring* relata que ensinar *pole dance* é sinônimo de ajudar outras mulheres a serem felizes, a descobrirem sua sensualidade, proporcionando bem-estar. Essa foi a principal mudança para ela, que primeiramente procurou a atividade para apimentar seu casamento.

Então, eu acho que essa a mudança principal: é você também ajudar outras pessoas que se encontravam na, que se encontram na mesma situação que você um dia, né? Tanto fisicamente quanto mentalmente.

Ela ainda acrescenta da realização em ver as aulas retornando para treinar e aderir ao esporte por elas e não mais pelo cônjuge. “Então, um dia foi pra ele, hoje é pra ela. Então, pra mim isso é a coisa que mais me realiza”.

A *pole dance* também adquiriu o sinônimo de saúde e de estilo de vida. As demais atividades físicas são realizadas em prol desse esporte, a fim de evitar-se lesões a fortalecer mais rapidamente os músculos, tal como vemos na afirmação: “Pra mim é saúde, meu esporte é aqui. Eu faço Pilates pelo *pole*. Eu faço Muay Thai pelo *pole*. Entendeu? É pelo *pole* que eu faço. O *pole* é o meu esporte. É como eu pratico a saúde”, (Entrevistada *Pencil*)

Muito além de um esporte, é um estilo de vida, parte do cotidiano: “[...] já faz parte da minha for... da minha rotina né?”, disse a entrevistada *Split*. A história construída, ou re-

construída a partir da prática é marcada por dores e sabores. As dores são superadas pela paixão que se instala e invade o cotidiano, sem deixar escolhas para quem a pratica, se tornando um vício delicioso.

Ah, é maravilhoso. É um estilo de vida, sabe. Depois que a gente começa não consegue parar. Quando a gente se apaixona não tem jeito. E, no início, a gente se machuca, fica roxa, né? Fica com calo, bate tudo. Mas, depois, com o tempo, vai passando e você vai acostumando. E aí você ficou viciada e não tem mais jeito. [risos] Aí é paixão mesmo, não adianta. (Entrevistada *Superman*)

Com uma grande sensação de bem-estar e sinônimo de terapia, a *pole dance* é vista sem data para terminar na vida da entrevistada *Handspring*. Com todas as consequências positivas, espalhar sobre a modalidade para o maior número de mulheres virou um de seus objetivos.

Então, se eu tiver a oportunidade de falar da minha história, de falar dos exemplos que eu tenho dentro do estúdio eu vou falar pra tentar convencer, hoje eu quero convencer as pessoas de que o pole é uma alternativa viável, é uma alternativa assim positiva e pode transformar vidas.

Because I'm happy
Clap along if you feel like that's what you wanna do.
Pharrell Williams

5 SÍNTESE COMPREENSIVA

A relação do ser-com-o-mundo se dá pelo corpo, totalidade do ser, sem distinção entre alma e corpo. Indo de encontro às transformações dessa totalidade, da corporeidade, do redescobrir a si-mesmo através da *pole dance*, que esse estudo estruturou seu objetivo. As experiências, elucidadas pela fala das participantes, tiveram as mais variadas emoções em que foram relatadas, desde retirar o relacionamento conjugal da rotina à possibilidade de uma foto de figura realizada mostrar a sua capacidade de superação de obstáculos, permitindo-se assim criar uma compreensão categórica desse *dasein*.

O encontro com a atividade, a decisão por praticar *pole dance* se deu pela necessidade de praticar algo novo, que motivasse e tirasse da inércia. O cônjuge foi motivação para algumas, mas a depressão também esteve presente nessa decisão. O sentir-se mulher ficou claro na voz daquela, que com o fim de um casamento desestruturado, queria ser mais feminina, e que hoje arranca suspiros de seu namorado, não somente pela dança, mas por ela “se querer”.

Em relação a comentários sobre a prática da *pole dance*, algumas ainda superam barreiras impostas por suas próprias mães; outras, entretanto, têm o apoio infundável pela parte dos que lhe são caros; outras, não estão nem aí para o que as pessoas pensam sobre sua vida. Mas, é preciso ressaltar o que *Pencil* citou sobre o preconceito pela própria mulher que pratica a atividade: caso ela tenha essa atitude com-si-mesma, não expondo o que faz por medo da opinião alheia, ela não merece estar naquele cenário.

A formação de vínculos afetivos dentro do estúdio foi relatada por todas as participantes como algo inerente à prática. Mulheres de diversas idades, profissões e motivações encontraram um elo devido à *pole dance*. As amigas se tornaram possíveis pela necessidade do outro, que se tornou porto seguro na realização de um movimento e, posteriormente, uma amizade para a vida toda. Amizades que possibilitam falar sobre assuntos tabus, muitas vezes reprimidos em outros setores sociais.

As mudanças inter-relacionais são notáveis, mas as mudanças físicas também se fazem presentes. Há um aumento de força muscular e flexibilidade que resulta em um aumento da qualidade de vida, virando sinônimo de saúde. Outras atividades físicas se tornaram paralelas a fim de proporcionar um maior rendimento na *pole dance*.

O aumento da autoestima foi o fator mais relevante nos discursos da pesquisa. O conhecimento de si diante das possibilidades que surgem, superando os limites, está no patamar mais alto das conquistas dentro do esporte. Ser mais uma na multidão, o estresse do

dia-a-dia, ter novidades para contar ao parceiro, querer algo que tocasse o coração e desse um novo sentido à vida, foram fatores que levaram a busca de algo que pudesse proporcionar a auto-realização. O empoderamento tornou-se consequência dessa transformação. “Você sente o poder”, relata *Princess*.

“O que significa *pole dance* para você?” A questão norteadora foi primordial para a compreensão da dimensão da atividade na vida das entrevistadas. Felicidade, elevação da autoestima, valorização de si e colocar-se em primeiro lugar estão entre as principais características. E, justamente por esses sentimentos, que elas não definem um prazo para continuar treinando. Enquanto puderem, elas estarão lá. Assim, é preciso verificar que através de uma dança, independente de qual seja, há uma pessoa que a executa e que é essa própria dança.

Verifiquei uma confirmação do cuidado que é inerente ao ser humano. Porém, um cuidado dirigido a si mesmo. Foi em um esporte, que utiliza somente uma barra de ferro vertical, que essas mulheres puderam encontrar um tempo, duas ou mais horas em suas rotinas atribuladas para serem simplesmente elas. A pergunta mais importante feita a mulheres que praticam ou já praticaram *pole dance*, foi saber o que a *pole dance* fez por elas, o que mudou em suas vidas, ou melhor, o que elas fizeram por elas depois que a *pole dance* entrou em suas vidas.

Apreendi as mais diversas experiências sobre uma mesma prática, em que foi possível verificar o ser-no-mundo de cada uma dessas mulheres e como elas se veem e percebem o seu corpo na interação com-si-mesmas e com-o-mundo. Compreendi que por trás de um simples movimento, há inúmeros seres-no-mundo e que a individualidade é o fato mais certo que existe.

Poder difundir essa modalidade esportiva, que é sinônimo de saúde, mas principalmente, bem-estar, para o maior número de mulheres também é algo relevante. Os benefícios encontrados devem ser divididos com outras pessoas. A entrevistada *Handspring* tem isso como objetivo: ajudar outras mulheres a se descobrirem, a serem felizes. Pois, para essas mulheres a *pole dance* tem o poder de transformar vidas.

*O ser humano descobre-se a si mesmo quando
se defronta com os obstáculos.*

Antoine Saint-Exupéry

6 ANÁLISE COMPREENSIVA A PARTIR DA TEORIA DE MERLEAU-PONTY

A análise compreensiva dos dados se deu a partir da obra *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty, que coloca que o sujeito está inserido em um mundo concreto e que suas decisões surgem a partir da percepção e relação com esse meio.

O conhecimento do mundo se dá a partir de uma visão própria do indivíduo sobre o mundo, e por consequência os símbolos da ciência passam a ter significado. Merleau-Ponty (2011) coloca que para a fenomenologia, compreender o homem e, conseqüentemente, a ciência, só é possível através da sua facticidade e da forma como esse homem explora os sentidos dos fatos.

Para Merleau-Ponty, a percepção “não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”. (IDEM, p.6) Ou seja, o homem encontra-se nesse mundo, e é através desse mundo que ele percebe o outro e, principalmente a si mesmo. O ser é exatamente aquilo que se mostra através das ações e das feições. Pois, para haver o reconhecimento é preciso que o indivíduo seja o seu exterior, assim como o outro precisa ser o interior daquilo que ele mostra.

A cada dia o mundo mostra novas possibilidades e o ser é aquele que vive no mundo. Mas, esse mundo não é um ser puro, mas é conjunto de significados que o ser dá a ele. Esses significados são permeados das experiências passadas e presente e da inter-relação delas com os outros e com o ambiente. (IDEM, p.18)

O esquema corporal se dá pelo conhecimento dos membros e órgãos envolvidos, que pertencendo a esse corpo fazem parte do espaço. Ou seja, “é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo”. (IDEM, p.147)

Autores como Binswanger (1956, 1961), Ratcliffe (2008), Spiegelber (1986) consideram os termos “temple”, “sentimento existencial” ou “sentimento de orientação vital” como o conjunto de vivências e disposições básicas que determinam em uma pessoa seus modos de inserir-se, experimentar e dar sentido ao mundo.

Para a fenomenologia, essa concepção está relacionada a um conjunto de experiências corporais, mais ou menos difusas e de caráter primário. E o corpo é que, enquanto caminho de acesso às coisas, condiciona os modos de experimentar o mundo. (ALVES & REBELO, 2004)

Por sua vez, o mundo que transitamos e no qual projetamos nossa existência exerce influência sobre a vivência do corpo (CASTANEDA CLAVIJO, 2009; CSORDAS, 2008; DE

CASTRO, GARCIA Y RODRIGUES, 2006; GAVILÁN, 2005; LE BRETON, 2008; MERLEAU-PONTY, 2011; VLAMIL PINEDA, 2005). Dessa forma, depreende-se que nossas práticas cotidianas determinam os modos de viver a corporeidade.

Para o filósofo, o corpo é um objeto sensível a todos os outros, para cores e sons, dando significados às palavras de acordo com a forma que as acolhe. Citando o exemplo do cego, que ao enxergar o mundo, percebe que os objetos têm uma conotação diferente daquilo que conhecia. Tudo adquire um novo significado, pois há uma nova relação e percepção do mundo. Então, para atingir o objetivo dessa pesquisa, fui ao encontro a essas mulheres que puderam relatar as experiências com a *pole dance* e quais as interferências da mesma em suas vidas, quais as novas percepções em seus ser-no-mundo, quais os significados do esporte para a sua vida.

Merleau-Ponty (2011), ainda citando o exemplo do cego, coloca que o mesmo utiliza a bengala como instrumento para perceber o mundo, como uma extensão de seu próprio corpo, assim como a *pole dance* possibilita ao sujeito perceber o mundo por outros olhares, por outras possibilidades de esquema corporal. Uma nova figura, uma nova coleção de movimentos, utilizando da barra vertical, propõe uma nova percepção sobre o ser-no-mundo e a aquisição desse mundo e as suas potencialidades. A entrevistada *Split* relatou sobre uma figura que tinha muita dificuldade em realizar e, posteriormente, ao realiza-la, relaciona com uma vitória, uma vitória não somente relacionada ao esporte, mas ao seu dia. “E quando eu faço, assim, nossa, faço, quando chego na aula, os quinze primeiros minutos eu consigo fazer, eu já posso ir que já ganhei a noite. Já ganhei o dia”.

A percepção do corpo se dá pelo conhecimento e pelos gestos, estes que mostram como o individuo pensa e como significa o mundo, a sua existência. O corpo é o mesmo que vê e que toca. É pelo corpo que o sujeito se mostra, porque ele não está no corpo, ele é o próprio corpo e sua forma de existir e relacionar-se no mundo. (IDEM, p.208)

A barra de *pole dance* é parte do individuo da mesma forma que a bengala é parte do cego. Pois, ambas são responsáveis pela atuação do ser. Com elas foi possível criar-se novas possibilidades e, assim, o individuo re-significa a existência. (IDEM, p.210) Para a entrevistada *Handspring*, a *pole dance* significa a diminuição de um ciúme excessivo, devido à autoconfiança (re)descoberta e a segurança dentro do relacionamento, a partir dessa prática..

A questão da autoestima, né? Que elevou bastante, me deu segurança na minha relação, de autoconfiança, a questão de eu ser uma pessoa menos ciumenta do que, do que eu era. Eu era muito ciumenta. E o *pole*, acho que a principal mudança que me causou foi em relação ao ciúme que eu tinha excessivo né?

Para Merleau-Ponty, “a simples presença de um ser vivo já transforma o mundo físico, faz surgir aqui ‘alimentos’, ali um ‘esconderijo’, dá aos estímulos um sentido que eles não tinham.” (IDEM, p.257) Com a barra vertical, a mulher encontra um sentido além de sua forma geométrica, são possibilidades que se abrem nesse encontro decorrentes dos movimentos realizados em sua extensão, tal como a *Split* descreve “Faz tão bem, sabe, pro ego, pra autoestima da mulher, pra confiança, faz bem pras mulheres, faz bem até pro seu companheiro né?”.

Merleau-Ponty (2011) coloca que o objeto só é apreendido através da experiência corporal, mesmo que a imaginação já o tenha percorrido. Para a entrevistada *Inversão*, a *pole dance* permitiria aflorar a feminilidade idealizada, mas apagada pelos anos de profissão como cirurgiã geral. Com o objetivo de alavancar esse lado, a mesma esbarrou no “tem que se querer” que a professora solicitou na primeira aula: “[...] na primeira andada, né? A caminhada ao redor do *pole*, a professora disse ‘você tem que se querer’. Eu achei aquilo muito interessante. ‘Eu tenho que me querer?’”. *Inversão* discorreu, na sequência, que esse “querer” ajudou-a a encontrar o que muito foi almejado: “Então, meu lado feminino melhorou demais, muito, minha parte sensual, minha parte de mulher, de eu me ver”.

Merleau-Ponty traz que a espacialidade do corpo “é o desdobramento do seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo.” (IDEM, p.206) O corpo está presente no espaço, apropriando-se dele para viver suas experiências. Há uma interferência direta entre o espaço e o modo de existir, o corpo é esse espaço.

O corpo tem um papel fundamental e indissociável da existência. “O papel do corpo é assegurar essa metamorfose. Ele transforma as ideias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo.” (IDEM, p.227) Assim, como a borboleta que precisa de um período para se transformar, a mulher que pratica *pole dance*, encontra em um casulo, ou seja, no estúdio, uma forma de tentar mudanças, que por escolha, ou simplesmente por consequência, transforma seu mundo também fora do horário das aulas.

Cara, eu gosto hoje porque quando eu tô lá eu esqueço de tudo. Eu me sinto bem. É... E... Eu acho que a melhor parte é quando chega lá e não consegue fazer nada e depois de um tempão, você já ver que consegue fazer um monte de coisa. Isso é meio que superação, assim, então. Eu acho isso legal. Sem falar também que, pô, hoje eu me acho. (*Superinversão de pescoço*)

Então, assim quem puder fazer o *pole*, assim, *pole dance*, entra com, pra esquecer problemas, entra para emagrecer, entra pra tirar o relacionamento da crise, seja qual for o objetivo, mas assim, eu aconselho o *pole* como uma terapia mesmo. (*Split*)

Eu acho que hoje eu me sinto mais feminina, mais segura, até no meu relacionamento. (*Superman*)

A entrevistada *Cisne* comentou que estava muito triste, pensando em morte, procurou em um curso de Enfermagem algo que pudesse alegrar seu coração, mas foi com a *pole dance* que ela sentiu sua autoestima melhorar. “Eu me sinto bem melhor, é, confiante, é, como mulher, como mulher. Eu tava, tava precisando de alguma coisa pra me ocupar porque eu tava muito, eu tava muito triste mesmo”. Merleau-Ponty (IDEM, p.228) traz que o corpo é o responsável por fechar, mas também por abrir o sujeito ao mundo, permitindo ele vivenciar novas e antigas experiências, re-descobrimo sua existência. *Cisne* é bailarina e trabalha em uma academia de dança, mesmo com a movimentação de seu corpo, foi em outra atividade física que encontrou novas formas de se relacionar consigo e com as outras pessoas.

Sobre o exemplo do cubo e suas seis faces, Merleau-Ponty relata que “Do ponto de vista de meu corpo, nunca vejo iguais as faces do cubo, mesmo se ele é de vidro [...]” (IDEM, p.273/274) Poderia ser isso a percepção que a mulher tem sobre si mesmo conforme vai desvelando seu próprio ser diante da experiência com a *pole dance*? A construção do cubo verdadeiro se dá a partir do momento em que se percebe e se pensa sobre o próprio corpo.

Porque é aquela história né? Se você está fora do padrão, não é bonita o bastante, seu corpo não tem que ser exibido pra ninguém. E no *pole* tu descobre que ele não tem um corpo padrão, qualquer tipo de pessoa pode fazer claro desde que ela não tenha nenhuma doença terrível, que vá prejudicar, você acaba descobrindo que teu corpo do jeito que ele é, ele é bom praquela atividade. Tu consegue, tu vai descobrindo força, que tu tem flexibilidade, tu descobre o quanto tu é perseverante quando tu vê que tu suporta as dores, o quanto tu tem de resiliência. (*Jade*)

Para Merleau-Ponty (2011), na relação com o outro, o corpo pode ser reduzido a um objeto sobre o olhar de senhor do outro ou ter seu próprio desejo reconhecido pelo outro se tornando senhor de si mesmo. A opinião do outro perde a categoria de algo a ser reconhecido e o ser liberta-se para viver os seus sonhos e suas vontades. Com a *pole dance*, é possível verificar que a mulher que procurou a modalidade para retirar o relacionamento da rotina, por muitas vezes, continua somente pelos benefícios que traz a si própria.

E aí daqui a pouco eu não ouço nunca mais que ela que quer dançar, que ela quer ensaiar pro marido, que ela quer fazer... Eu só vejo ela, ela querendo treinar pra fazer aquela figura [...] e aquela figura que o marido quer tanto ver ela não, ela não tá mais nem aí, porque ela já começa a ver o *pole* pra ela, pro benefício dela. (*Handspring*)

No que concerne à sexualidade, ela “está constantemente presente ali, como uma atmosfera”. (IDEM, p.232). Na obra *Fenomenologia da Percepção* se coloca que há dificuldade em discernir sexualidade e existência, as duas estão extremamente interligadas, tal como o processo de osmose. O fato, a decisão, pode adquirir um sentido, partindo do sexual para o geral. A motivação para iniciar a *pole dance* parte, em sua maioria, do cunho sexual e da relação do corpo com o desejo do parceiro.

E o motivo quando eu entrei no *pole*, o meu motivo, o meu objetivo já mudou totalmente né? Que não era mais pro namorado, já era mais pra autoestima. E aí eu já comecei a lidar com mulheres né? Que tavam, tavam tendo o *pole* como uma maneira de distração, aumentar a autoestima né? (*Split*)

Merleau-Ponty coloca que motivo e decisão são dois elementos de uma situação. O primeiro é o fato, o segundo a situação assumida. Retirar o relacionamento da rotina, procurar uma atividade diferente foram fatos que levaram à procura da *pole dance*. Ser atleta de *pole dance*, assumir esse papel faz o individuo assumir essa posição, pois há a validação do motivo. Ou seja, a forma como o individuo se mostra, se posiciona, atua, ou seja, a forma como vemos o seu corpo e como é o relacionamento dele com o mundo, mostra como o individuo se sente em relação aos próprios objetivos e como lida com as dificuldades. “Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser [...]”. (IDEM, p. 236) O corpo nada mais é que o próprio ser se manifestando. *Split* citou que queria emagrecer e que esse processo a ajudou se amar mais, a elevar a sua autoestima.

Acabei... tô emagrecendo, numa fase de emagrecimento. Estou me amando mais. E, já até, dancei pro meu namorado né? Já tive algumas é... Já tô mais é exibida pra ele. Ele vê que eu já estou mais segura. Até porque é a parte de insegurança numa mulher acaba literalmente com o relacionamento. Eu sei que mulher, a gente acaba sendo forte, mas assim, em alguns momentos, assim na vida, a gente fica muito sensível né? E a gente acaba deixando a nossa autoestima, assim, baixa né? [...]

Há uma inter-relação entre o corpo e o mundo, em que não há a possibilidade de um existir sem o outro. O corpo é essencial para a vida do individuo, assim como o coração é essencial para manter esse corpo em funcionamento. É o sujeito que determina a localização das coisas, ele que determina a perspectiva dos fatos através de seu modo de ser-no-mundo e de se posicionar diante dos fatos, diante das novas possibilidades e daquilo que lhe é oferecido. É impossível ver todas as faces do cubo ao mesmo tempo. Contudo, ao girar em torno do cubo, novas facetas desse viver são descobertas, novas mudanças em cima de perspectivas antigas ou novas percepções que asseguram o modo de ser/estar-no-mundo. E,

isso se dá, pela constante, e indissociável, relação do ser através de seu corpo, das possibilidades que seu corpo lhe proporciona. Com a *pole dance*, essas mulheres tiveram a possibilidade de conviver com outras mulheres que, por *n* motivos, procuraram uma atividade física que lhes preenchessem um vazio existencial. A atividade parte muito além do benefício físico e escultural. Atinge, enfim, inúmeras faces desse cubo.

Então eu acho que eu mudei não só no corpo, mas eu mudei emocionalmente, eu mudei no meu relacionamento. Eu acho que eu tive bastante mudança e eu vejo todas como positivas. Principalmente, porque quando você se apaixona por alguma coisa que, aonde você consegue permanecer, você consegue fazer amizades e você consegue identificar pessoas semelhantes com você, semelhantes a você e pessoas diferentes de você, mas que ainda assim fa... tornam o grupo unido e, sei lá, e eu espero que muito longo, então, eu acho que isso ajuda né? Ajuda a você pegar um pouquinho de cada uma, ajuda você a mudar coisas que você vê que “poxa, eu acho que isso aqui não tá legal pra minha vida e essa pessoa tá me mostrando isso ou eu acho que muita frescura em determinadas coisas não tá me ajudando no esporte que eu gosto”. E você muda, muda sim, muda os conceitos, muda os julgamentos né?
(*Superman*)

A *pole dance* também é associada à autoestima, devido às possibilidades de ir sempre um pouco mais adiante, que permite conhecer os limites e que é possível ir um pouco além do já conhecido. Pois, a percepção não é uma mera causalidade, mas uma forma de re-criar o mundo (IDEM, p. 279).

[...] não é o meu esporte em tempo integral, mas é um hobby que, que tem me dado prazer, que tem me feito conhecer os meus limites, até isso eu vejo como algo importante que, às vezes, você não sabe quanto você aguenta algo, quanto você suporta determinadas situações. E no *pole* você começa a ver que você sempre aguenta um pouquinho mais do que tu achava que aguentava. (*Jade*)

A *pole dance* tornou-se fonte de renda para algumas entrevistadas que hoje ministram aulas no estúdio, assim como é para *Handspring*: “Bom, hoje, ele significa, é, meu segundo emprego. [risos] Significa, porque hoje virou uma fonte de renda pra mim e pra minha família né?”.

As modificações motoras deveriam ser avaliadas no momento em que elas permitem uma alteração e uma readaptação do ser-no-mundo. Merleau-Ponty traz que as qualidades são reconhecidas por comportamentos que mostram a essência do ser. A barra de *pole dance* torna-se concretude de uma autoestima elevada devido a uma superação de desafios. A autoimagem daquela mulher ultrapassa a imagem de uma mulher que usa *shorts* e blusa curta, com hematomas pelo corpo, para uma mulher que está além da forma de vestir-se, insinuando que atrás de uma nova postura, tanto de agir como de vestir-se, há uma nova mulher, que é o

sujeito da sensação “é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele”. (IDEM, p.285)

Com isso, a *pole dance* para a maioria das mulheres entrevistadas adquiriu um sentido diferente ao primeiro, que as motivou a procurar o estúdio. A mudança se deu pela relação mútua entre o esporte e a atleta. Antes dessa relação, o sensível, ou seja, a *pole dance*, era uma solicitação vaga. Posteriormente, ganhou muitos sentidos e significados provenientes da história de cada uma dessas mulheres, e de como se dá a sua relação com o mundo e com os outros. Podemos perceber isso nos enxertos de discursos abaixo.

Enfim, não é só sensualizar né? O *pole*, na verdade, é uma maneira, é um fitness, que há um conjunto de exercícios aplicados sobre uma barra né? Não é uma coisa assim tão simples. (*Split*)

Eu não esperava né? Fazer amizades tão boas, né? Ou seja, hoje eu faço um esporte bacana, que eu gosto, que me dá prazer e estou, assim, com as minhas melhores amigas, que tão ali me ajudando né, que tão ali me dando força pra gente evoluir, pra gente chegar mais longe. (*Kneehold*)

[...] você começa a trabalhar essa parte da sensualidade, que minha autoestima melhorou mais ainda, até mesmo porque você... Eu não queria fazer porque eu achava que não tinha jeito, mas assim, você vai, é uma coisa que você vai aprender né? Então, melhorou muito a minha autoestima. (*Princess*)

Merleau-Ponty (2011) traz que a existência não pode ser separada do mundo, assim como a percepção não pode ser separada do fundo, já que a construção do ser se dá na relação constante, é o ser-no-mundo. A síntese perceptiva é a temporalidade, em que o sujeito concebe o presente, através de seu passado e seu futuro, ou seja, sua historicidade.

O espaço, o meio, é onde os fatos acontecem. Para saber o que é certo e o que é errado, ou o que é “direito” e o “invertido” é preciso identificar os parâmetros atribuídos pelo ser. Pois, para cada indivíduo, há um ponto de partida e um ponto de chegada diferente, que deve ser contextualizado com a sua historicidade. Merleau-Ponty (IDEM, p.335) coloca que o primeiro contato com o novo, com um novo ângulo de observação, pode tornar tudo “estranho”. Porém, a percepção sinaliza isso como certo no decorrer do tempo. Se antes pudesse ser tão estranho “se querer”, hoje, para *Inversão*, é nada mais como algo corriqueiro e necessário a sua autoestima.

Merleau-Ponty traz que o corpo, enquanto sistema de ações possíveis, é que define a orientação do espetáculo. Ou seja, o corpo é responsável por definir a orientação do espaço no sentido de uma organização capaz de ações numa possível missão e em determinado local. “Meu corpo está ali onde ele tem algo a fazer” (IDEM, p. 336). Ir à aula de *pole dance*

permite a essas mulheres tomarem uma decisão enquanto ao seu próprio ser. Ela poderia desistir diante de uma dificuldade ou seguir em frente.

Dentro do próprio estúdio há dificuldades que exigem superação de medos, dores, frustrações, tal como coloca a entrevistada *Seat P*

A gente pensa que nunca vai, assim, subir, fazer travas, porque é o próprio corpo. Mas tu vê que não é nada disso. É técnica, tudo é técnica. E cada vez que eu vejo, fica mais fácil, mais eu me apaixono.

Uma das dificuldades enfrentada por algumas dessas mulheres é o pré-conceito pejorativo em relação ao esporte. Podendo esse vir de pessoas desconhecidas ou do próprio seio familiar. A entrevistada *Superwoman* cita que a primeira pessoa contra foi a sua filha. “[...] ela tinha preconceito. Achava que era uma coisa assim, que era só pra dançarina de *strip-tease*”. Mas, que aos poucos essa barreira foi se rompendo. “Mas, hoje em dia, ela já curte. Ela já entendeu. Já expliquei pra ela. Ela já me dá forças para fazer, já acha legal”.

Enfrentar ou submeter-se a avaliações sobre um modo de ser, ou sobre o modo de ser, pode trazer inseguranças ao viver algo novo, não visto pela sociedade com “bons olhos”, como algo que fere os “bons costumes”. A entrevistada *Susperinversão de pescoço* coloca que não comenta sobre o esporte devido a trabalhar com muitos homens, e ainda, foi orientada por sua mentora do trabalho a evitar esse assunto.

E, aí, se eu sair postando foto e se eu ficar falando, aí pode não ficar legal. [...] Ela falou ‘olha, tu pode começar a falar, mas nada de postar foto, porque se não vão começar a bagunçar contigo’.

Acrescentando mais um item ao quesito pré-conceito, há a fala da entrevistada *Pencil*, sobre a dificuldade da pessoa em assumir publicamente o esporte, como se fosse algo errado. E, por isso, essa pessoa não deveria ser merecedora de estar nessa modalidade. Pensando sobre isso, coloco os questionamentos sobre a imensa interferência do outro na decisão sobre a própria vida do indivíduo: até onde esse outro pode e interfere com propriedade benéfica em minha vida? Como evitar os malefícios?

Apesar das dificuldades encontradas, a *pole dance* proporcionou a todas as entrevistadas amizades além do esporte. Dentro do estúdio, uma ajuda a outra a evoluir nas figuras, dá segurança e suporte na execução de movimentos difíceis, e mais, “nós somos amigas, que a gente pode contar uma com a outra pro que der e vier”, como descreve a entrevistada *Kneehold*. O apoio dessas amigas indica a resposta esperada pelo indivíduo em

relação ao mundo, proporcionando poder do indivíduo sobre o mundo, oferecendo um espetáculo variado e cheio de novas possibilidades. (IDEM, p.337)

Diante de tantos significados sobre um mesmo esporte, posso dizer que essas mulheres se re-descobriram muito além de uma figura, que tudo isso foi muito além de duas horas semanais de atividades. É a possibilidade de ver um ser diante do espelho, um ser renovado e que agrada a sua visão.

Eu acho assim, uma outra coisa que o *pole* dance traz muito, que traz essa parte pra gente, né? É como se eu tivesse olhando no espelho, o antes e o depois né? No antes eu não via graça, hoje eu já vejo, vejo diferenças. (*Princess*)

Passei a me cuidar muito mais, a comprar umas roupas pensando que vai cair melhor em mim, fiz um curso de maquiagem quase na mesma época. Passei um mês fazendo o curso de maquiagem profissional. E, assim, a minha vaidade foi voltando. Às vezes, às vezes eu reconheço que tô meio desleixada e tal. Mas nem de longe perto do que eu estive. E quando eu percebo que tô assim é porque algo tá errado, porque não é o meu jeito de ser. Eu gosto de me arrumar. Eu gosto de sair maquiada. Mas, nem sempre dá né? Há situações. Mas de um modo geral, o *pole* me ajudou sim nessa imagem. (*Jade*)

Para Merleau-Ponty, as experiências permitem ao indivíduo a se reconhecer, a perceber que é o dono de si e que isso se dá no contato direto com o fato.

Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência não por constatação e como um fato dado, ou por uma interferência a partir de uma ideia de si mesmo, mas por contato direto com essa ideia. (p.496/497)

*Se as pessoas acreditam nelas mesmas, é impressionante o
que elas conseguem realizar.*

Sam Walton

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pude perceber que a *pole dance* engloba muitos setores desse ser, desse corpo. Essas mulheres enfrentaram muitos dilemas até encontrar esse esporte, essa modalidade, essa dança, essa arte. Muitos dilemas sobre sua própria existência. Sua autoestima baixa e sua necessidade de mudança fizeram-nas chegar nesse estúdio. Hoje, elas permanecem não por motivos físicos ou de relacionamentos, mas por si mesmas. O objetivo de estar ali é sentir-se bem.

Dificuldades como falta de compreensão por pessoas próximas ou até mesmo físicas foram sendo superadas pouco a pouco. Cada uma pode citar uma figura marcante, aquela que se tornou um marco em sua experiência com a *pole dance*. De figuras extremamente complexas a figuras de nível básico, pude perceber a mudança daquela mulher insegura para aquela mulher que “se quer”.

Cito uma frase que marca bem o fato de muitas vezes realizarmos o sonho de outro, mas que às vezes nos encontramos nesse processo, e passamos a realizar os nossos próprios sonhos: “Então, um dia foi pra ele, hoje é pra ela. Então, pra mim isso é a coisa que mais me realiza. É ver a aluna, né? Fazendo o pole pra ela e não mais pra ele”. (*Handspring*)

Essa pesquisa abre margem para outras voltadas à Psicologia do Esporte e como os indivíduos podem expressar seu ser, seu corpo, através de um modo de agir e estar. É ir ao encontro também dos benefícios da dança, da arte, da música. É perceber esse indivíduo no seu agir, no seu sorrir, no seu chorar e no seu movimentar-se. É ir um pouco além do cognitivo, do emocional. É ver que o corpo manifesta a forma do indivíduo de ser-no-mundo, de estar-no-mundo, de ser-no-mundo-com-o-outro. Mas, principalmente, de ser-no-mundo-ele-mesmo.

REFERÊNCIAS

- Abrão, A. C. P.; Pedrão, L. J. *A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança*. Revista Latino-am Enfermagem, 2005, março-abril, 13(2):243-8. Recuperado em 07 de maio de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a17.pdf>
- Adelman, M. *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*. Revista Estudos Femininos, v. 11, n. 2, Florianópolis, Jul/Dez, 2003, p. 445-465. Recuperado em 07 de maio de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200006
- Alves, P. C. y Rabelo, M. C. “*Corpo, experiência e cultura*”. In: Leibing, A. (org) Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil. Rio de Janeiro, Nau Editora, (175-200), 2004
- Amatuzzi, M. M. Pesquisa *Fenomenológica em Psicologia*. In: Bruns, M. A. T. e Holanda, A. F. *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. – São Paulo: Ômega Editora, 2001.
- Barbaras, R. *Merleau-Ponty*. Paris: Elipses, 1997.
- Binswanger, L. *Tres formas de la existencia frustrada*. Amorrortu, 1956
- Binswanger, L. *Artículos y conferencias*. Editorial Gredos, S.A., Madrid., 1961
- Carvalho, A. S. *Metodologias da Entrevista: uma abordagem fenomenológica*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- Castañeda Clavijo, G. M. *Vivencia de practicas corporales artísticas: allegar-se al cuerpo vivido desde las expresiones dancísticas*. Trabajo de investigación para optar al título de Magíster en Motricidad y Desarrollo Humano. Universidad de Antioquia. Medellín, 2009
- Castro, E. H. B. *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger* Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2009, 182 p.
- Comitê da OMS / FIMS em Atividade Física e Saúde, Posicionamento Oficial da OMS / FIMS. Exercício para a saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 4, n. 4, Niterói, Jul./Ago., 1998. Recuperado em 09 de maio de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921998000400005
- Cremasco, M. V. F. *Algumas contribuições de Merleau-Ponty para a Psicologia em “Fenomenologia da percepção”*. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, XV(1), 51-54, jan-jun, 2009. Recuperado em 04 de fevereiro de 2014, em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n1/v15n1a08.pdf>
- Csordas, T.J. *Corpo, signifi cado y cura*. Porto Alegre: Editora da UFGS, 2008

Dartigues, A. *O que é a Fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida – 9ª ed – São Paulo: Centauro, 2005.

De Castro, A. García, G. Rodriguez, I. *La dimensión corporal desde el enfoque fenomenológico existencial*. Psicología desde el Caribe ISSN 0123-417X N°17, 2006

Federação Brasileira de Pole Dance (FBPOLE) recuperado em 02 de outubro de 2013, do <http://www.federacaobrasilpoledance.com.br/>.

Freitas, J. L. *Experiência de Adoecimento e Morte: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia*. 1ª ed, (ano 2009), 1ª reimpr Curitiba: Juruá, 2010.

Furlan, R.; Bocchi, J. C. *O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty*. Estudos de Psicologia, v. 8, n. 3, Natal, set./dez., 2003. Recuperado em 24 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300011&lng=pt&nrm=iso

Gavilán, V. *Representaciones del cuerpo e identidad de género y étnica en la población indígena del norte de Chile*. Estudios atacameños. 30: 135-147, 2005

Goellner, S. V. *A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40*. Movimento, Ano VII, n. 13, 2000/2. Recuperado em 07 de maio de 2014, de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25034/000293512.pdf?sequence=1>

Goto, T. A. *A introdução à psicologia fenomenológica. A nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulos, 2008.

Holanda, A. F. *Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: Elementos para um Entendimento Metodológico*. In Bruns, M. A. T; Holanda, A. F. Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas. – São Paulo: Ômega Editora, 2001.

Husserl, E. *Investigações Lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Trad. Zeljko Loparic e Andréa Martin Altino de C. Loparic – São Paulo: Abril Cultural, 1980, (Os Pensadores)

Le Breton D. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Bs. As: Ed. Nueva Visión, 2008

Machado, B. F. G. *Corporeidade e Existência em Merleau-Ponty*. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, v. 2, p. 47-58, 2011. Recuperado em 27 de abril de 2014, de http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/NEPIM/NEPIM_Volume_02/Art03_NEPIM_Vol02_CorporeidadeExistencia.pdf

Marques, D. A.; P.; Surdi, A. C.; Grunennvaldi, J. T.; & Kunz, E. *Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia*. Movimento. Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 243-263, jan./mar., 2013. Recuperado em 22 de abril de 2013, do <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/26494>.

Martins, J.; Bicudo, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos* – 5ª ed. – São Paulo: Moraes, 2005.

Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Merleau Ponty M. *Fenomenología de la Percepción*. Barcelona. Ediciones península, 2011

Merleau-Ponty, M. *Conversas* – 1948. Trad. Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Merleau-Ponty, M. *O visível e o invisível (1964)*, Brasil, Editora Perspectiva, 2003

Moreira, V. *O inconsciente no pensamento de Merleau-Ponty: contribuição para a psicoterapia*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 14, n. 1, São Paulo, mar/2011. Recuperado em 30 de abril de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v14n1/08.pdf>

Nanni, D. *O Ensino da Dança na Estruturação/Expansão da Consciência Corporal e da Auto-Estima do educando Fitness & Performance*. Journal [em línea], 2005, 4 (Janeiro-Fevereiro) Recuperado em 22 de abril de 2014, de <http://www.redaylc.org/articulo.oa?id=75117085006>

Oliveira, Gilberto; Cherem, E. H. L.; Tubino, Manoel, J. G. *A inserção histórica da mulher no esporte*. Revista Ciência e Movimento, 16(2), 2008, p. 117-125. Recuperado em 08 de maio de 2014, de <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>

Oliveira, V. A.; Ribas, C. R.; Santos, M. A.; Teixeira, C. R. S.; Zanetti, M. L. *Obesidade e grupo: a contribuição de Merleau-Ponty*. Vínculo, v. 7, n. 1, São Paulo, jun. 2010. Recuperado em 11 de maio de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100006

Padelha, I. I. P. *Percepção e Memória Sensível em Maurice Merleau-Ponty*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Filosofia. 2007. 129 p.

Peixoto, A. J. *Corpo e Existência em Merleau-Ponty*. In Tourinho, C. D. C.; Bicudo, M. A. V. *Fenomenologia: influxos e dissidências / organizadores, Carlos Diógenes Côrtes Toruinho, Maria Aparecida Viggiani Bicudo* – Rio de Janeiro: Booklink, 2011. p. 156-168

Ratcliffe, M. *Fellings of being. Phenomenology, psychiatry and the sense of reality*. New York : Ed. Oxford University Press, 2008

Rebustini, F; Machado, A. A. (2012). *Dinâmicas sociais e estados de humor*. Motriz: Revista de Educação Física, 18(2), 233-244. Recuperado em 09 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742012000200003&lng=pt&tlng=pt.10.1590/S1980-65742012000200003

Reis, A. C. *A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty*. Vivência, n. 37, 2011, p. 37-48. Recuperado em 06 de abril de 2014, do http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/02_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf

Rubio, K. (2007). *Ética e Compromisso social, na psicologia do Esporte*. Psicologia: Ciência e Profissão, 27 (2), 304-315. Recuperado em 23 de abril de 2014, a partir de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200011&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932007000200011

Santos, A. R. M.; Silva, E. A. P. C.; Moura, P. V.; Dabbicco, P. Silva, P. P. C.; Freitas, C. M. S. M. *A busca pela beleza corporal na feminilidade e masculinidade*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 21, n. 2, 2013, p. 135-142. Recuperado em 07 de maio de 2014, de <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/3575/2603>

Santos, V. C. *Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física*. Motriz: Revista de Educação Física, v. 16, n. 4, Rio Claro, Oct./Dec., 2010. Recuperado em 08 de maio de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a04v16n4.pdf>

Silva, C. A. F. *A estrutura do sentido: Goldstein e Merleau-Ponty*. Trans/Form/Ação. v. 35, n. 3, Marília, set./dez., 2012. Recuperado em 30 de abril de 2014, de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/viewFile/2622/2055>

Silva, L. M.; Oliveira, S. N. S. S. *A Autoestima de mulheres que praticam body combat e body pum*. Revista ENAF Science, v. 3, n. 2, outubro de 2008, p. 73-76. ISSN: 1809-2926 Recuperado em 07 de maio de 2014, de http://www.enaf.com.br/novosite/revista_cientifica/revista_congresso_cientifico_2008_02.pdf#page=73

Silva, R. M. C. R. A. *O Conceito de Corpo em Merleau-Ponty como Tentativa de Superação do Dualismo Psicofísico*. In Teixeira, E. R (organizador). *Psicossomática no cuidado em saúde: atitude transdisciplinar*. – São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2009.

Spiegelberg, H. *“Phenomenology in Psychology and Psychiatry. A historical introduction”*. Ed. Northwestern University Press, 1986

Valle, E. R. M. *Câncer Infantil: Compreender e Agir* – Campinas, SP, Editora Psy, 1997.

Vale, E. R. M.; Vendruscolo, J. *A família da criança com câncer frente o diagnóstico da doença: encontros iniciais com a psicóloga*. Pediatría Moderna, v. 32, p. 736-751, 1996.

Vieira, L. F., Vissoci, J. R. N., Oliveira, L. P., & Vieira, J. L. L. *Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia*. Psicologia em Estudo, 15(2), 2010, p.391-399. Recuperado em 03 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000200018&lng=pt&tlng=pt.10.1590/S1413-73722010000200018

Vieira de Melo, S. M.; Caldas, M. T. *Merleau-Ponty e Gadamer: possibilidade de se pesquisar a prática de psicólogos*. In Barreto, C. L. B. T. *Prática psicológica, na perspectiva fenomenológica*./ Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, Henriette Tognetti Penha Morato, Macus Túlio Caldas./ Curitiba: Juruá, 2013

Villamil Pineda, M.A. *Fenomenología del Cuerpo Humano*. Cuadernos de filosofía latinoamericana, vol.26. N. 92: 7-27, 2005

Whitehead, K; KURZ, Tim. *Investigation of the Reinvention of Pole Dancing as a Recreational Activity*. *Feminism & Pshicology*, May, 2009, vol. 19, no: 2, pages 224-244.
Acessado em: <http://fap.sagepub.com/content/19/2/224.abstract> Acessado em 30 de outubro de 2015, às 20h30.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

Prezada Senhora,

Vimos através deste convidá-la a participar de pesquisa a ser realizada pela mestranda do Programa de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, **CAROLINA FERNANDES FERREIRA**, para a elaboração do Projeto de Pesquisa do Mestrado intitulado **RE-DESCOBRINDO SER-SI-MESMO: A EXISTENCIALIDADE DE MULHERES PRATICANTES DE POLE DANCE** que tem como objetivo compreender o sentido e o significado de corporeidade a partir da prática de *pole dance*, considerando os pressupostos da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty.

A participação é voluntária, só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso às informações surgidas durante a pesquisa. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia, não serão divulgados.

Será uma entrevista áudio-gravada e as perguntas a serem feitas não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco previsível, já que são somente sobre suas experiências sobre sua experiência na atividade de pole dance. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma, sem que isto acarrete qualquer dano moral ou material, ou interfira na sua situação na Academia de *Pole Dance*, e também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa à pesquisadora que se coloca à disposição para fazer o acompanhamento psicoterápico durante a pesquisa se houver necessidade.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora, pelo telefone 99113-5478 ou pelo e-mail carol_f_ferreira@hotmail.com e o orientador da pesquisa, ewertonhelder@hotmail.com. Poderá ser contatado também o Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM, localizado na Rua Teresina, 4950 – Adrianópolis, CEP 69057-070, telefone 3305-5130.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu,, fui informada sobre a pesquisa “Re-descobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade em mulheres praticantes de *pole dance*” realizada pela aluna do Programa de Mestrado em Psicologia, **CAROLINA FERNANDES FERREIRA**, orientada pelo Professor Doutor **Ewerton Helder Bentes Castro**, e concordo em participar da mesma.

Manaus,/...../.....

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

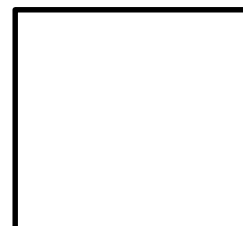
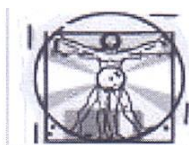


Imagem Dactiloscópica

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Re-descobrimdo ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes do pole dance

Pesquisador: Carolina Fernandes Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32021514.5.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 686.568

Data da Relatoria: 11/06/2014

Apresentação do Projeto:

O Pole Dance é uma modalidade esportiva que está ganhando espaço na mídia. A atividade física é um preparador para a vida cotidiana, promovendo a capacidade de julgamento e percepção da situação, possibilitando reação frente a alterações do ambiente, tendo as relações sociais como mediadores de desempenho. Esta pesquisa, intitulada “Redescobrimdo ser-si-mesmo: a existencialidade das mulheres praticantes do pole dance”, elaborada pela mestranda Carolina Fernandes Ferreira, constitui um projeto de pesquisa para o Programa de Mestrado em Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas e tem como objetivo compreender, à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, como mulheres praticantes do pole dance significam a sua existência a partir da prática do esporte. É uma pesquisa de natureza qualitativa e desenvolver-se-á de acordo com os preceitos do método fenomenológico, que preconiza compreender o outro naquilo que ele traz em seu discurso e a análise se fará com base nos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Serão consideradas participantes mulheres praticantes de pole dance de um estúdio na cidade de Manaus. A obtenção dos dados será realizada a partir de uma questão norteadora que sofrerá desdobramentos para identificar os significados dos discursos. Utilizar-se-á uma entrevista áudio-gravada que posteriormente será transcrita e analisada. O projeto apresenta toda

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 686.568

a estrutura de um projeto de pesquisa, a saber: introdução, situação a ser pesquisada, objetivo geral, fundamentação teórica, metodologia, considerações finais, referências bibliográficas, cronograma de execução, proposta de orçamento e termo de consentimento livre e esclarecido, conforme a Resolução CNS 196/96.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o sentido e o significado de corporeidade a partir da prática do pole dance, considerando os pressupostos da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Considera-se que haverá efeitos mínimos aos sujeitos da pesquisa em relação a participação nesta, considerando a proposta de contato com o emocional das participantes de forma a não desencadear nenhum dano físico ou psicológico. Às participantes que sentirem necessidade de acompanhamento psicológico individual, a pesquisadora estará à disposição para realizá-los.

Benefícios:

As participantes colaborarão para a pesquisa e compreensão de todo o processo que permeia a existencialidade diante da prática do pole dance e quais os sentidos e significados elaborados no corpo-vivido dentro de um estúdio de pole dance e entre todos os campos de vivência.

Faz-se necessário elucidar quais as contribuições que a pesquisa proporcionará no âmbito científico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de dissertação de mestrado, da discente Carolina Fernandes Ferreira, do Programa de Pós-Graduação em psicologia, da Faculdade de Psicologia/ UFAM, sob a orientação da Profª Drª Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa. Participarão do estudo 12 mulheres, dentre as quais 02 serão instrutoras e 10 serão praticantes de Pole Dance, no mínimo há três meses. O delineamento teórico-metodológico da pesquisa está em consonância com o título e objetivo propostos e exequível, conforme cronograma apresentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto: Apresentada e adequada, assinada pelo Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ FAPSI -UFAM;
2. Termo de Anuência: Apresentado e adequado, assinado pela proprietária da Academia Studio Manaus Pole Dance, Vivian Alencar;

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 686.568

3. TCLE: Apresentado e adequado;
4. Instrumentos de coleta de dados: Não se aplica, uma vez que serão realizadas entrevistas abertas;
5. Riscos e benefícios: Apresentados, mas os benefícios devem ser complementados;
6. Critérios de inclusão e exclusão: Apresentados e adequados;
7. Cronograma: Apresentado e adequado;
8. Orçamento: Apresentado e adequado (RS 276,00).

Recomendações:

Acrescentar, ao final do endereço e telefone de contato da pesquisadora responsável, o endereço e telefone de contato do CEP/ UFAM.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pelo exposto, somos pela APROVAÇÃO do projeto, pois atendeu as determinações da Res. 466/12.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 13 de Junho de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

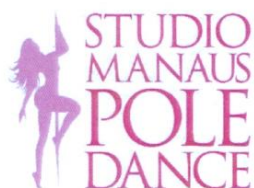
Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br

ANEXO C – CARTA DE AUTORIZAÇÃO



Manaus, 23 de maio de 2014.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a Mestranda Carolina Fernandes Ferreira, do Programa de Mestrado da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, a realizar sua pesquisa intitulada “Re-descobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade em mulheres praticantes de pole dance” nessa instituição, localizada na Rua Rio Jutai, 1025, Nossa Senhora das Graças.

Atenciosamente


STUDIO MANAUS
POLE DANCE